



Apoiando o M. F. A. na sua gloriosa luta pela dignificação do Povo Português ajudaremos a construir um Novo Portugal.

# A VOZ DE LOULÉ

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII	19.2.75	Delegação em Lisboa	Composto e Impresso	DIRECTOR E PROPRIETARIO	Redacção e Administração
(Preço avulso 2\$50)	N.º 556	R. Passos Manuel, 102-5.ª-Dt.ª	CARLOS MARQUES, SARL	José Maria da Piedade Barros	GRÁFICA LOULETANA
		Telef. 56 27 59	Rua Dr. Augusto Barreto, 11 a 19		Rua da Carreira
			Telef. 2 40 24/5		Telef. 6 25 36
			B E J A		L O U L É

## COSTA GOMES APELOU AOS PORTUGUESES: VOTAI CONSCIENTEMENTE EM 12 DE ABRIL

Respeitando o compromisso tomado com o País, o general Francisco da Costa Gomes marcou as eleições dentro do prazo prometido pelas Forças Armadas: será num sábado, 12 de Abril, que os portugueses serão chamados em liberdade a praticar um acto da mais relevante importância política e social: votar.



GENERAL COSTA GOMES

Na presença dos representantes da rádio, TV, cinema e jornais, portugueses e estrangeiros, o histórico discurso de Costa Gomes trouxe, no dia 10 do corrente, a certeza de que não há desvios ao programa do M. F. A., que o País pode confiar nos homens que fizeram a Revolução de Abril.

Depois de apelar aos portugueses para que exerçam, conscientemente, o direito de voto (disse: «votar é colaborar, não votar é trair o povo»), o general Costa Gomes aproveitou a oportunidade para fazer um balanço geral dos resultados de menos de um

• Continua na 5.ª pág.

## A Universidade do Algarve em Silves?

A secção cultural do Racial Clube vai criar uma Comissão de Apoio à instalação da Universidade do Algarve em Silves.

Espantados, por tão decidida como arrojada determinação de alguns sócios do Racial Clube, não conseguimos fugir ao veemente desejo de analisar com todo o bairrismo, mas muito frieza também, a pretensão audaciosa daqueles silvesenses de boa cepa que reivindicaram apenas para a

sua terra, a instalação da Universidade que servirá, num futuro que se avizinha próximo toda a Província algarvia.

Que a tradição histórico-cultural da velha urbe tenha indelével afinidade com a instalação duma universidade é facto por demais imperioso para ser desmentido.

Em contra partida as desvantagens são de tal forma assustadoras que não vemos qualquer viabilidade, pelo menos a curto prazo, para a concretização do

• Continua na 7.ª pág.

## COMISSÃO DINAMIZADORA DO M. F. A.

Presidida pelo sr. coronel Hugo da Silva, Comandante do Re-

gimento de Infantaria 4, de Faro, efectuou-se numa das salas do quartel, no passado dia 27 de Janeiro, um encontro entre elemen-

• Continua na 10.ª pág.

## O Carnaval de Loulé/75 não deixou saudades

Parece estar demonstrado que o Louletano precisa de dinheiro para fomentar as suas actividades e que a Santa Casa da Misericórdia não vive em abundâncias (visto que os louletanos queixam-se muito dos serviços do «seu» Hospital). No entanto, não parece descabido perguntar se tais condicionalismos são suficientes para justificar a realiza-

ção de uma «coisa» como a que temos vindo a assistir nos últimos anos e a que se chama «Batalhas de Flores de Loulé».

Com efeito, a pura «caça ao dinheiro» não se julga a melhor maneira de prestigiar Loulé, se levarmos em linha de conta que estamos a assistir, ano após ano,

• Continua na 5.ª pág.

## ELEIÇÕES em 12 de Abril

VOTAR É UM DEVER...

... É um direito — que todos os eleitores têm a obrigação, moral e social, de exercer. Porque as próximas eleições para a Assembleia Constituinte vão ser realmente livres, todos os que legalmente podem exercer o direito de voto não devem eximir-se de cumprir as suas responsabilidades. Só assim a Constituição Política, que ficará a reger o País, será verdadeiramente representativa da vontade de todos os cidadãos.

Assim...  
— Comparecer na Assembleia ou Secção de Voto da freguesia onde o eleitor se recenseou (o local será indicado por edital da Câmara, 15 dias antes das eleições);  
— Chegada a vez, identificar-se ao presidente da mesa, o qual, depois de proceder ao reconheci-

• Continua na 5.ª pág.

## PROCLAMAÇÃO



O Plenário do Distrito de Faro do Movimento Democrático Português, reunido na Vila de Loulé, indicou, hoje, os seus representantes para serem propostos como candidatos às eleições para a Assembleia Constituinte.

A escolha dos candidatos do M.D.P./C.D.E. assume um grande significado na vida política do Algarve. É uma tomada de posi-

## A PROPÓSITO DE «Portugal não é independente com o Algarve sob dominação estrangeira»

Lisboa 1 de Fevereiro de 1975

Ex.ª Sr.ª  
José Maria da P. Barros  
Director do Jornal «A Voz de Loulé»

Em referência a um texto publicado no jornal que V. Ex.ª dirige, no dia 15/1/75 e assinado por Norberto da Silva, ao abrigo dos procedimentos legais previstos para o direito de resposta, peço-lhe a publicação do seguinte

texto no mesmo local e com o mesmo relevo:

a) a desfaçatez do senhor Norberto da Silva ao afirmar que eu «ajo como um fascista ao pretender arruinar a economia do Algarve» considero-a difamação e calúnia que apenas um tribunal poderá apreciar e julgar.

Nesse sentido vou tomar as necessárias providências para po-

• Continua na 7.ª pág.

## O DELITO DE OPINIÃO!

Na homilia do Dia Mundial da Paz, o sr. Bispo do Porto afirmou que era chegado «o momento de lançar ao País um grande apelo à reconciliação entre todos os portugueses, apelo a promover e assegurar as condições de paz

em Portugal pela reconciliação dos Portugueses. Em seguimento ao Movimento das Forças Armadas, torna-se necessário e imperativamente urgente um movi-

• Continua na 3.ª pág.

## PARA QUANDO A COOPERATIVA AGRÍCOLA DE LOULÉ?

Agora, mais do que nunca, os lavradores do concelho de Loulé estão esclarecidos de que só através de Cooperativas conseguirão encontrar soluções válidas para problemas que cada vez os afligem mais.

A lavoura enfrenta a situação paradoxal de não ter comprado, para os seus produtos e, simultaneamente, se enquadrar num mundo em crise alimentar.

• Continua na 8.ª pág.

## PLANO DE SANEAMENTO NO ALGAVE

• Ler na página 9

## FAÇAMOS UM PAÍS NOVO FORÇAS ARMADAS E POVO

Quando em 25 de Abril de 1974, as Forças Armadas derrubaram o poder fascista instituído em Portugal durante 48 anos, rejubilaram os corações dos portugueses em cujo peito vivia oprimido o verdadeiro patriotismo. Esses portugueses compreendem — como se o Sol se acendesse em plena noite — que a chegada a hora do ressurgimento; que a guerra fratricida em África — onze mil mortos e mais de trinta mil estropiados — iria acabar; que outros caminhos — que não apenas os da emigração — se abririam para os trabalhadores deste País; que, enfim, poderíamos viver em paz e liberdade, sem o terror da polícia política, sem o complexo de nos sentirmos «marionetes» nas mãos daqueles que des governavam esta Terra, sem o povo reconhecer os mais elementares direitos de cidadania.

E logo uma semana depois — no dia 1.º de Maio — o povo português demonstrou, claramente, que estava com o Movimento das Forças Armadas, predisposto a dar o seu contributo à construção de um País renovado, onde não mais existisse a pobreza en-

vergonhada (de que muitos oportunistas fazendo «cartaz turístico», diziam ser a «nossa maneira de estar no mundo»), onde não mais vicejasse o poder discrí-

• Continua na pág. 11

## COSTA GOMES E O POVO ALGARVIO

... — Sr. Presidente, é esta a primeira vez que vem a Ferragudo?

— Não. Já tenho estado cá algumas vezes.

— Então que acha sobre o ambiente e a maneira de viver deste povo?

— Bem, isso não conheço.

— Então tem tomado algum contacto com o povo algarvio?

Quer nos dizer o seu parecer sobre este povo?

— Bem, o povo algarvio já o conheci antes, agora tive pouca oportunidade de contactar com ele, porque a minha vida aqui nestes oito dias que aqui passei foram quase que destinados ao trabalho, mas do contacto que eu

• Continua na 8.ª pág.



# FALANDO DE ANASTÁCIO DOURADO

• Continuação da 4.ª pag.

via» — do dr. Maurício Monteiro, e o actual (que Deus o conserve), «Voz de Loulé» — de José Maria da Piedade Barros. Eis o friso dos jornais havidos em Loulé. Uns políticos e outros regionalistas noticiosos.

Anastácio Dourado, dentro do seu limitadíssimo contributo, dá vida à continuação da imprensa regional. Por 1912 inicia a publicação do seu jornalzinho. E, como a atmosfera social era de liberdade, baptiza-o de «1.º de Maio». Fazia-o como podia e saía quando podia, tanto mais que, ele era lançado à publicidade mais por bairrismo e amor à arte do que pelo interesse comercial. E circulava como semanário.

Foi neste «1.º de Maio» que eu comecei em 1917, a dar sinal da minha tendência de escrever para público. E o mau foi começar! E desde então até à data, nunca mais parei de seguir o caminho que Anastácio Dourado, no seu jornalzinho, me abriu.

O liberalismo do «1.º de Maio» é, em determinada altura, obscurecido pela situação Salazarista, e o amigo Anastácio Dourado vê-se na circunstância de mudar de nome ao petiz «1.º de Maio». E em 1933 ele é substituído pelo «Louletano». Ambos, só a grande carolice e bairrismo de Dourado puderam dar a Loulé uma luz, embora fraca, a alumiar, os espíritos da população. Bela obra! Be-lo exemplo!

Nos dois jornais de Anastácio Dourado muito batalhei por Loulé. Campanhas pró desvio do Caminho de Ferro, junção das duas bandas de música, visita a Loulé do Batalhão Sapadores de Caminhos de Ferro, e dezenas de artigos de diversos temas, tais foram as «asas» que Anastácio Dourado me deu para tão longo «voo».

Entre tantos artigos, em Setembro de 1939, quando a segunda guerra mundial, a três desse

mês, novamente ensanguentou o Mundo, como velho combatente da primeira Grande Guerra, enérgico artigo de revolta contra mais outra crueldade humana, escrevo para ser publicado em «O Louletano». Não foi possível a sua publicação! A carta que Anastácio Dourado me escreve, inédita a trinta e seis anos de distância, diz bem de quanto a fera censura era implacável e parcial. Eis a carta:

«Meu amigo

Estou no café escrevendo à pressa para não perder a camioneta.

«O Louletano», por coisas várias, não tem saído nestas últimas 3 semanas, devendo reaparecer na próxima quinta-feira.

O seu artigo, que muito me agrada e representa o sentir e a verdade de um homem que bem conhece os horrores duma guerra, não pode ser publicado neste modesto semanário — por enquanto...

No último sábado levei-o à Censura mas como não se pode beliscar na Alemanha, e por indicações superiores, não foi a sua publicação permitida.

Muito desejaria fazê-lo, mas... o resto logo lhe digo quando estivermos juntos. Eu, que só tenho feito tudo quanto possível, nesta humilde tribuna, para o engrandecimento da nossa terra, também tenho sofrido dissabores, sem saber a razão porquê!...

Junto envio-lhe o seu artigo que, para mim, representa uma das suas melhores produções. Peço-lhe que não faça uso destas ligeiras linhas.

Um apertado abraço deste seu muito amigo

ANASTÁCIO DOURADO»

— Que a memória do querido e saudoso amigo e acérrimo bairrista louletano, Anastácio Dourado, me perdoe dar a público, agora nesta minha modesta homenagem a quem tanto lutou por Loulé, a sua confidencial cartinha.

## Um esclarecimento e um apelo

• Continuação da 4.ª pag.

mentos que nos enchem de alegria. Em primeiro lugar, confessamos publicamente a nossa gratidão aos empregados da firma Aníbal Madeira & Irmão, que tão gentilmente quizeram colaborar na nossa obra oferecendo-nos o produto do seu Dia de Trabalho Nacional. Foi enorme a nossa alegria pelo significado do gesto e pelo estímulo. Bem hajam!

Igualmente estimulante foi a eleição duma Comissão de Pais que desde logo começou a trabalhar com a direcção com o dinamismo próprio dos jovens, com um entusiasmo e uma generosidade dignos do maior louvor. Assim, tem essa Comissão de Pais desenvolvido uma campanha de angariação de novos sócios que em pouco mais de um mês realizou o milagre de aumentar a cotização de 8 para 22 contos anuais. Mas não parou à sombra destes louros pois sabe que pode conseguir mais. Graças a esta genero-

sa ajuda foi possível elaborar um novo quadro de escalões, aprovado em reunião de Pais realizada no passado dia 22. Lamentamos que tão poucos tenham participado neste encontro embora saibamos que nem sempre é possível dispor duma noite, principalmente quando há filhos pequenos que não se podem deixar sós.

Apresentamos a seguir o quadro agora aprovado e que pode ser consultado na portaria da «Creche» assim como um quadro de receitas e despesas que gostosamente damos a conhecer a quem o quizer consultar.

Apenas como curiosidade e para dar uma ideia de como as despesas aumentaram apontamos duas verbas mensais relativas ao pessoal.

Antes do estabelecimento do ordenado mínimo: 28 030\$00; Depois do estabelecimento do ordenado mínimo: 54 600\$00; A estas verbas há que acrescentar os encargos da Previdência e Fundo do Desemprego.

Escalão	Pensão e Ensino	Jardim Infantil Só Ensino	Capitação
A	0	0	—
B	240\$00	—	0 500\$00
C	400\$00	250\$00	500\$00 1 000\$00
D	500\$00	300\$00	1 000\$00 1 500\$00
E	600\$00	350\$00	1 500\$00 2 000\$00
F	750\$00	400\$00	2 500\$00 3 000\$00
G	850\$00	450\$00	2 500\$00 3 000\$00
H	1 000\$00	500\$00	3 000\$00 4 000\$00

A terminar aqui, fica, pois, um apelo. Quando em muitas terras se estão a movimentar esforços para abrir Creches e Jardins Infantís, nós que já os temos e em edifício próprio, não os vamos deixar fechar. Os louletanos não vão deixar que isso aconteça! O nosso apelo não se limita só aos louletanos aqui residentes mas também aos emigrantes que tão profundamente sentem

tudo o que afecta a sua terra. Quem nos quer ajudar para que mais crianças tenham uma infância mais digna e mais feliz?

NOTA: — Entende-se por capitação o rendimento do agregado familiar, depois de subtrair a renda de casa e dividido pelo número de pessoas a cargo do chefe de família.

CATARINA FARRAJOTA

## «NASCIMENTO & CANDEIAS, LIMITADA»

SECRETARIA NOTARIAL DE FARO

2.º CARTÓRIO

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia 7 do corrente mês, de fls. 39 a fls. 40, do livro de notas para escrituras diversas n.º A-88, do notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi constituída entre Manuel Luís Santana do Nascimento e mulher Maria da Luz Mateus Candeias do Nascimento, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º: A sociedade adopta a firma «Nascimento & Candeias, Ld.ª», tem a sua sede numa casa da povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, durará por tempo indeterminado e tem o seu início hoje.

2.º: O seu objecto é a indústria de fabrico de loiça em barro vermelho ou faiança ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar e seja legal.

3.º: O capital social é de 100 000\$00, inteiramente realizado em dinheiro, entrado na caixa social e representado por 2 quotas iguais de 50 000\$00, uma de cada sócio.

4.º: A cessão de quotas é livremente permitida entre os sócios. A estranhos carece do consentimento do outro sócio, que terá o direito de preferência em 1.º lugar e a sociedade em 2.º.

5.º: A gerência da sociedade, dispensada de caução, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade.

§ Único: Qualquer gerente poderá delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em quem tiver por conveniente, mediante o competente mandato.

6.º: As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, com a antecedência de 10 dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Vai conforme o original.

Faro, aos 10 de Janeiro de 1975.

O Notário,

a) Januário Severino Daniel dos Reis

A autêntica cooperativa deve ser uma escola de civismo onde o interesse particular se sacrifica ao colectivo, onde o homem se habitua ao auto-governo, à disciplina livremente aceite, ao convívio fraterno, onde, pela prática quotidiana da gestão democrática — princípio inalienável do verdadeiro cooperativismo — se preparam, não só cooperadores, mas verdadeiros cidadãos.

QUASE CRÓNICA — Por SEQUEIRA AFONSO

## Em nome de Jeová

A porta da mercearia, arma-se um pé de vento que faz andar tudo à nora. As comadres, em alta gritaria, asneiram-se mutuamente, provocando a hilaridade dos circunstantes. E o cronista, que vai a passar, sempre à procura da respiração da realidade, decide aproveitar o hábito quotidiano, para o transformar nesta apressada prosa:

1.ª Comadre: — Tenha vergonha! Tenha vergonha nessa cara!

2.ª Comadre: — Vergonha tenha você. Eu sou «Testemunha de Jeová» e com muita honra. Ora esta, hein!

1.ª Comadre: — A sua religião é uma porcaria. Dizem que Jesus morreu na estaca e não é Deus. Mas então que religião é essa?

2.ª Comadre: — É uma religião da vida. O inferno é a sepultura, e só o sangue é a nossa alma. Vai-se o sangue, vai-se a alma...

1.ª Comadre: — E por isso você deixava, como disse, morrer o seu filho, por não permitir uma transfusão de sangue?...

2.ª Comadre: — ... Exactamente. E com muita honra, repito.

1.ª Comadre: — Que boa mãe me saiu!

Quatro crianças, olhos espantados; duas mulheres e um homem admiram a cena. Entreolham-se e, como se nada compreendessem, soltam carachadas nervosas. Também o cronista está atento — porém, fogem-lhe alguns pormenores, ou não fosse a vida multiforme, escorregadia, enganadora como a lama invernal dos caminhos...

E a discussão prossegue, acalorada:

2.ª Comadre: — Diga você que é melhor mãe do que eu! Depois se verá quem sai destruída da batalha de Deus...

1.ª Comadre: — Bah! São balelas. Como essa de dizerem que o mundo vai acabar em 1975!

2.ª Comadre: — Ah, não acaba? Depois se verá...

1.ª Comadre: — Depois se verá... depois se verá... você não sabe mais nada? Olhe, a sua religião dá vontade de rir. Como dizerem que o céu é só para 144 mil privilegiados, e que não devemos votar porque isso são coisas das forças do mal, e...

2.ª Comadre: — ... Quer você acredite, quer não, tudo isso é em nome de Jeová. E ele é o mais poderoso!

1.ª Comadre: — Olhe, o mais poderoso é o Ajax.

Ao ouvir a blasfémia, a comadre «Testemunha» procura agarrar os cabelos da adversária — no que é impedida pelo sujeito que assiste ao duelo e agora pretende arbitrar a contenda. Os gritos estridentes ecoam nas paredes das casas e há quem abra, em jeito de admiração, a janela, certamente para saber que burburinho é este...

Porém, o incidente está sanado (como dizem os senhores que falam com categoria). Efectivamente, enquanto as duas comadres se guerreavam, outro homem veio, a passos largos, aproximando-se do lugar onde se deu o desaguiço: é ele que, agora, com voz tonitruante e autoritária, se dirige à 2.ª comadre:

— Vai fritar ovos com chouriço, mulher! Deixa lá a religião! Vê que já deixaste, outras vez, queimar o almoço!

Aqui, a alterada «Testemunha» baixa a cabeça, guarda silêncio e, com mão nervosa, tira o lenço que traz na algibeira da blusa coçada; limpa o rosto já lavrado de rugas; depois, num gesto brusco, volta-se e avança, decidida, a caminho de casa. O homem vai atrás dela, barafustando.

Os assistentes dispersam. Cada um vai à sua vida. E o cronista também aligeira o passo.

E assim se perdeu mais um precioso almoço. Nem Jeová o salvou — o que é lamentável: com o preço a que está a comidinha...

### AGRADECIMENTO



JOSÉ PIRES CÂNDIDO

Sua família, vem por este meio, agradecer a todos quantos o acompanharam à sua última morada e que, de qualquer modo, lhes deram provas de indesmentível amizade e solidariedade.

A todos, pois, aqui fica o seu reconhecido agradecimento, sem esquecer as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde durante a doença que o vitimou.



### AGRADECIMENTO

ANTÓNIO DA ENCARNÇÃO MENDES

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.



# Carnaval de Loulé

## Revolução que se impõe

De chuva e frio mascarado, quiz o Entrudo brincar com to- dos ao Carnaval.

Folião, dotado da personalidade de carnavalesca que a todos transmite, apostou este ano em assustar tudo e todos, esconden- do no seu velho gibão o sorriso airoso das tardes soalhentas que a todos ofertou, como mensagem democrática a um povo livre.

A essa mensagem correspondeu, modo geral, a cívica e divertida multidão, que à Avenida José da Costa Mealha acorreu em preito de homenagem à mais popular das quadras festivas do ano. Ape- nas, a espaços largos, aqui e aco- lá, a juventude caracterizada por uma quinzema de anos mal defini- da, foi convidada, algumas vezes, a aceitar a vontade expressa da maioria.

Todavia, lamentamos ter de re- gistar com certo desgosto que, da varanda do prédio do sr. Raul Pinto, meninos barbudos, de face burguesa, tenham «apedrejado», com ovos crus, a tripulação dos carros «A Tasca do Colono» pri- meiro e «Democracia» depois, abafando nas suas estéticas gar- galhadas o incontinente protesto dos ofendidos. Acharmos sr. Raul Pin- to, melhor teria sido que as me- ninas e os meninos, seus convi- das, tivessem metido os ovos crus por outro sítio acima e termos poupado a comentários jucosos e pouco galantes, bem como ter de preñar publicamente tais «crian- cinhas», com a nossa mais viva repulsa, pela manifesta má edu- cação pessoal de tão barbudos e paranoicos burgueses.

Mas, passemos adiante.

O Carnaval de Loulé na sua edição 1975, não fugiu muito à hereditária transmissão de pro- cessos a que tem sido sujeito, no último decénio, pelo menos, da sua já longínqua existência.

Não esqueçamos que, a quem quer que seja, humanamente im- possível se torna transformar, no curto prazo de mês e meio, todo o decadente sistema que se vem utilizando na retrógrada mecani- zação para um Carnaval de qua- lidade que se pretende aceitável.

Apetrechados os carros como se esperava com a pitada política necessária ao apetite democráti- co dum povo virado, em toda a linha, para a revolução, eram bem visíveis os traços da sensibi- lidade artística e criadora do pro- fessor Loureiro, (que nos perdõe o Loureiro pela traição à sua modestia) trabalhador de mérito e valor inestimável do patrimó- nio humano desta terra.

Todavia, acusando os carros a falta do seu mais belo orna- mento — o elemento feminino gracioso — ficam, irreversivel- mente expostos ao abandono, vestindo apenas a triste frieza dum colorido solitário e expo- lados do calor humano que as be- las joviais e encantadoras moças da nossa terra lhes poderão transmitir com a sua presença.

Empobrecidos, assim, na mór- bida palidez duma ausência que nem o melhor pincel de todos os Goyas poderá reparar, lá foram cumprindo a sua tarefa, alber- gando nos seus bojos uma creche de crianças de tenra idade que melhor se enquadra (tal como o afirmamos já) na mais respei- tável e solene das procissões da nossa aldeia.

Numa análise muito subjectiva decidimos escolher, dois carros, e neles apostámos todo o mereci- mento do nosso favoritismo.

O «O Tasca do Colono» dotado dum contexto político profunda- mente marcante foi, quanto a nós o grande favorito.

Para tal muito contribuiu a co- laboração preciosa dos quatro Tarimbeiros Campinense que co- meçam a ganhar raízes de tradi- ções nestas andanças.

«Favas», Orlando Perucas, Ma- nuel Brundo e Armando Clara (Artur Agostinho) fazem, pois, pelo seu espírito, alegre, e diver- tido, e pelo mérito incontestável duma presença que contagia e se

alastra a todo o recinto, um Car- naval à parte, uma espécie de Carnaval Campinense, como que acionados por uma segunda ju- ventude que os torna bem mere- cedores do título reis do Carna- val 1975.

Mas importa frisar, tornar bem evidente que o Carnaval de Loulé terá de ser alvo duma pro- funda transformação e não pode- rá continuar como até aqui nos moldes em que se tem constituí- do.

Condições de trabalho precá- rias e mínimas, estudos e planos feitos numa luta contra o tem- po contradizem por certo o que é de bom senso, tornando vítimas sem apelo, quantos, num ciclopi- co esforço, são os heróis desco- nhcidos duma farsa de que mui- tos outros tiram proveitos e hon- rarias.

Impõem-se, por conseguinte, uma transformação. Esta, é ine- vitável para um Carnaval novo que se exige diferente.

É certo do extraordinário va- lor e da influencia decisiva com que o professor Loureiro poderá concorrer para essa transforma- ção apelo para a Mesa do Hospi- tal da Santa Casa de Misericór- dia de Loulé no sentido de que esta mudança de sistema seja al- vo dum estudo profundo e o ob- jectivo tendente ao repensamen- to deste tão mal tratado Carna- val de Loulé.

Convidar desde já o professor a formar Comissão Pró-Carnaval 76; conceder-lhe as condições mí- nimas mas suficientes para um estudo de base; e indicar duma forma irreversível o caminho da aposentação àqueles que por ra- zões várias se oponham ao pro- cesso revolucionário do próprio Carnaval.

Caso contrário acabem de vez com falsa garridice de que o Carnaval de Loulé é o melhor do mundo e fechem a loja!

Evitar-se-á pelo menos o inglô- rio sacrifício dos que se revezam ano após (são sempre os mes- mos) e vão adiando ao pobre velhinho o «rigor mortis» a que está condenado.

A haver revolução, com a mi- nha ajuda, braçal que seja, con- tem com ela.

SILVA TEIXEIRA

## Partido Socialista

Realizou-se no passado dia 24 da Janeiro, na Secção de Faro do Partido Socialista, uma sessão de trabalhos que teve por finalidade a eleição de um novo Secretaria- do, o qual ficou constituído pelos seguintes elementos:

António Brito, empregado de escritório; Soares da Silva, pe- queno comerciante; José Gil, pin- tor de automóveis; Armando Pi- res, motorista; Carlos Alberto, controlador de hotelaria; Fernan- do Caniço, professor primário; Eurico Mendes, funcionário públi- co; Francisco Barracosa, peque- no comerciante; e Manuel Palma, estudante.

Este Secretariado entende que em coerência com a definição programática do PARTIDO SO- CIALISTA como partido MAR- XISTA, propõe aos SOCIALIS- TAS DE FARO uma equipa de trabalho dirigido essencialmente às massas trabalhadoras, donde se ausentem dirigismos e oportu- nismo.

## VENDE-SE

Lote de terreno para construção na Urbani- zação Expansão Sul, Loulé.

Nesta Redacção se informa.

## Plano de Saneamento no Algarve

Com os efeitos do último surto de cólera ainda na lembrança, foi agora anunciada pelas autorida- des responsáveis, no decurso du- ma reunião com os órgãos infor- mativos e realizada no Posto de Turismo de Faro, a construção de 12 estações para tratamento de esgotos, que se insere num plano de 26 estações, com que fi- cará dotado o futuro saneamento da nossa Província.

Abrangendo as povoações de St. Catarina da Fonte do Bispo, Santa Luzia, Conceição de Tavi- ra, Cabanas de Tavira, Faro, Olhão, Figueira, Lagoa, Carvoei- ro, Mexilhoeira da Carregação, Senhora da Luz, Olhos de Água e Albufeira, as estações agora a construir além da promoção des- ta vasta zona populacional cens- tituem um primeiro passo decisí- vo para um alargamento profi- láctico dos focos infecciosos que se amontoam a par e passo por toda a parte.

Na mesma reunião foram foca- dos ainda outros aspectos, mer- mente o que se refere ao trata- mento em curso das águas dos poços cisternas de que se abas- tece grande parte da população rural algarvia.

Registe-se que as obras de construção destas estações de tratamento, cuja adjudicação já foi efectuada, vão proporcionar, num momento em que se eviden- cia alguma crise de trabalho, ser- viço a algumas centenas de ho- mens.

Esperamos que, em matéria de esgotos, Loulé não tenha ficado em esquecimento, pois tem pro- blemas urgentes a resolver.



## A Piscina de Loulé

Por carência de espaço, só no próximo número publicaremos um extenso artigo em que são analisadas algumas das causas que têm atrasado os trabalhos de construção da Piscina de Loulé e também novidades acerca do início do projecto definitivo.

## Flores de Amendoeira:

### — Esplendor aflitivo

O alvo esplendor das amendoeiras floridas repete-se ano após ano, tornando-se um dos mais encantadores cartazes da Província algarvia que, nesta época, se assemelha a uma noi- va «toda de branco vestida», como têm escrito diversos poetas líricos...

Cabe, no entanto, falar da amêndoa, que é o fruto que se segue a estas lindas flores que, neste momento, fazem do Algarve um jardim.

Com efeito, os nossos pequenos agricultores, proprietá- rios de amendoeiras, estão verdadeiramente aflitos, pois a amêndoa baixou de preço (de 300 para 190 escudos por arro- ba, nas épocas 73/74).

Afirmam esses proprietários que «a salvação pode estar na Cooperativa Agrícola». Também nós cremos que sim. No entanto, deve dizer-se que, presentemente, as flores de amen- doeiras são um esplendor um tanto aflitivo...

Eis, pois, a razão inofismável de que é preciso del- tar, já mãos ao trabalho!

## Sementes de Trigo

Tendo o Governo Civil do Dis- trito de Faro tido conhecimento de que nos meios agrícolas se verificava descontentamento pe- la forma como se estava a proce- der à venda do trigo para semen- te e como se iria proceder à ven- da dos adubos agrícolas (fertiliz- zantes) que agravam as condi- ções que do antecedente se vi- nham verificando, solicitou o Go- verno Civil do Distrito ao Grémio da Lavoura de Loulé, principal conselho agrícola do distrito, es- clarecimentos, que foram forne- cidos pelo ofício n.º 429/74 do referido Grémio, informando que essas situações eram resultantes de:

O Instituto dos Cereais ter mo- dificado completamente a sua forma de actuar em relação ao produtor do trigo, sendo necessá- rio que o interessado depositasse na C.G.D.C.F., à ordem do refe- rido Instituto o valor do trigo fornecido e dos fornecedores de adubos terem dificultado as fa- cilidades de pagamento que vi- nham concedendo, o que teve co- mo consequência o desapareci- mento de muitos comerciantes da especialidade, e por isso subreca- ra de requisições para o Grémio.

Baseado nestes factos, solici- tou o Governo Civil, por ofício, ao Secretário de Estado da Agri- cultura a resolução urgente des- tes problemas.

Pelo Secretariado de Estado da Agricultura foi o Governo Civil de Faro informado de que o as-

sunto se encontrava em estudo e que tinha sido enviado à Se- cretaria de Estado de Abasteci- mento e Preços para apreciação.

Posteriormente foi enviada có- pia do ofício dirigido em 25/1/75 pela Direcção Geral do Comércio Interno, ao Presidente do Gré- mio da Lavoura de Loulé, no qual se informava de que, o cré- dito para fornecimentos de adu- bos à lavoura se modificou ulti- mamente, podendo o seu prazo alargar-se até 270 dias. Assim, os lavradores poderão reduzir a pa- pel de crédito o valor das suas compras, junto da Caixa Geral de Depósitos, da banca nacionali- zada e comercial privada.

No que respeita ao fornecimen- to de trigo para semente, o Ins- tituto dos Cereais está a tratar de adoptar medidas necessárias para que em futuro próximo o sistema seja simplificado de molde a oferecer aos agriculto- res as facilidades a que estavam habituados.

## Falecimento

Faleceu no passado dia 14 de Fevereiro, em casa de sua residência, em Vale Formoso, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José da Assun- ção (mais conhecido por Rilhó), que contava 74 anos de idade, deixou viú- va e sr.ª D. Maria Martins Valério Assunção, era pai de sr. Manuel Di- amantino e Helder Assunção, residen- tes nos E. U. A. e irmão dos srs. Fran- cisco, Manuel e Maria Assunção (fale- cidos) e do sr. António Assunção.

O saudoso extinto emigrou para os Estados Unidos quando jovem e aí exerceu uma dinâmica actividade durante mais de 30 anos, e que lhe permitiu disfrutar duma velhice tran- quila na sua terra natal.

O cortejo automóvel que o acompanhou desde Vale Formoso ao cemitério de Loulé foi iniludível tes- temunho do quanto vale um homem ser bom, honesto, trabalhador e res- peitador dos direitos dos outros. Por isso morreu em paz com a consciên- cia tranquila e forçando, os que o aco- mpanharam à sua derradeira morada, a verter uma lágrima de saudade.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

## Falta a Carne de Bovino

Faltou no mercado a apre- ciada carne de vaca e logo boatos dum movimento gre- vista andaram de boca em bo- ca, perdidos no ar.

Sobre o acontecimento «A Voz de Loulé» informa:

A Associação dos Talhan- tes de Carnes Verdes do Dis- trito de Faro, a fim de pôr cobro a uma situação irregular e melindrosa decidiu, em reu- nião dos seus associados can- celar a compra directa de gado bovino ao produtor.

A aquisição de carne ao produtor deverá efectuar-se, de acordo com a lei, através

da Junta Nacional dos Produ- tos Pecuários.

Mas...

No próximo número dare- mos mais pormenores.

## VENDE-SE

Horta de regadio com la- ranjeiras, próximo da Fonte Santa (Quarteira).

Informa: Inácio Rosa — Campina de Baixo - Loulé



# A Miele no Algarve COMISSÃO DINAMIZADORA DO M. F. A.

A MIELE PORTUGUESA, LDA. acaba de abrir a sua Filial de Faro. O acto da inauguração foi assinalado com um cocktail para apresentação das novas instalações daquela Filial, que reuniu vários comerciantes ligados ao ramo de electrodomésticos, bem como os Agentes da marca MIELE no Algarve.

A MIELE PORTUGUESA, LDA., com a abertura de mais esta Filial tem em vista, não só a melhor comercialização dos produtos da sua marca nesta província que tem sido objecto de grandes investimentos turísticos, como ainda, poder prestar aos seus clientes uma assistência permanente e eficaz. O grupo alemão MIELEWELKE, um dos mais importantes fabricantes europeus de electrodomésticos e máquinas industriais, de que a MIELE PORTUGUESA, LDA. é a filiada, tem tido como objectivo da sua política comercial em todo o mundo, a criação de serviços de assistência pres-

tados por técnicos especializados.

Estas instalações da MIELE com a sua frota de assistência aos clientes, constitui um aperfeiçoamento dos seus serviços, que cobrem actualmente toda a província, onde aliás, se encontra instalado diverso equipamento industrial de lavandarias em grandes complexos urbanísticos e hoteleiros, além de outros electrodomésticos daquela marca, particularmente as suas máquinas mais reputadas, as de lavar roupa e louça.

Com a abertura da Filial de Faro, mostra mais uma vez a MIELE PORTUGUESA, LDA. a linha progressiva do seu desenvolvimento, que corresponde à aceitação que o público português tem manifestado em relação às garantias da marca MIELE, considerada a nível internacional, da mais moderna e aperfeiçoada técnica.

● Continuação da 1.ª pág.

tos da Comissão Regional de Dinamização Cultural das Forças Armadas e representantes da imprensa, rádio e televisão.

Abriu a sessão o sr. coronel Hugo da Silva que expôs os objectivos da Campanha de Dinamização Cultural em curso (estabelecer diálogo com as populações) e informou que no Algarve já se realizaram 85 sessões com tais objectivos, às quais assistiram aproximadamente 40.000 pessoas ou seja cerca de um quinto do eleitorado algarvio. Apesar de evidente interesse demonstra-

do pela assistência a tais sessões, o seu «impacto» parece não ter sido suficientemente forte e, por isso, a Comissão resolveu solicitar a colaboração da Imprensa Regional, o que justificou este encontro.

Usou depois da palavra o sr. capitão Vilas Boas que disse existir o binómio Forças Armadas/Povo e que é necessário existir igualmente o binómio Forças Armadas/Imprensa. A Revolução deve efectuar-se pela via da verdade nua e crua. A Imprensa pode ajudar a reforçar a missão de esclarecimento das Forças Armadas, elucidando o povo inexperienced em democracia e traumatizado por meio século de repressão.

Usaram também da palavra outros oficiais, que apreciaram genericamente as características actuais da Imprensa Regional Algarvia e puseram em relevo os vários pontos do Programa das Forças Armadas sobre que poderá incidir especialmente a sua acção de esclarecimento junto do povo. Foi referida em particular a falta de politização do nosso povo, o que aliás se verifica com o resto do País, notando-se entre os algarvios maneiras muito diversas de reagir às palavras de esclarecimento. Na nossa Província, o sentimento antifascista é geral. No entanto na zona serrana as pessoas têm ainda receio de falar abertamente, limitando-se a apontar as necessidades locais e não fazem perguntas de carácter político, ao contrário do que acontece no litoral, em que as perguntas assumem principalmente esse carácter.

Foi afirmado que as eleições serão tanto mais verdadeiras quanto maior for o esclarecimento político feito, pelo que os partidos políticos devem ultrapassar, se possível, o próprio M. F. A. e ir em todas as aldeias, mesmo aquelas em que é difícil lá chegar, para esclarecerem sobre os

seus programas.

Dado que o voto é secreto, o M.F.A. aconselha todos os portugueses a votarem, pois ninguém ficará sujeito a represálias como acontecia no antigo regime. Votar, é portanto, um dever a que não devemos renunciar.

No que diz respeito à limitação de meios humanos e técnicos de que os partidos dispõem, foi apontada a necessidade de existir mais gente válida a trabalhar para acorrer ao esclarecimento que é necessário fazer.

Durante esta reunião foi ainda feita referência ao facto de as pessoas andarem amedrontadas com o que vêm, leem e ouvem, o que tem provocado um certo clima de insegurança cujas consequências em todos se refletem.

Por um dos oficiais presentes foi afirmado que é preciso ter coragem e espírito revolucionário para encarar certas situações e que o próprio M.F.A. sentiu o peso duma grande responsabilidade ao fazer o 25 de Abril e teve que pensar 2 vezes antes de agir em tão audacioso empreendimento. Por isso as pessoas devem também ter a coragem de revelar as suas opções e não esconder qual o partido da sua preferência.

Disse-se também que a Imprensa regional não acendeu ainda totalmente a sua chama revolucionária, mas que é absolutamente necessário que isso aconteça, pois um Portugal novo só pode ser constituído por gente que pessoalmente se identifique, nas suas atitudes e palavras, com o programa e o processo desenhados em 25 de Abril.

Elementos da Comissão criticaram o comportamento de alguns órgãos informativos, denunciando uma Imprensa demasiado regional e rústica, que esquece os grandes problemas nacionais, tais como a descolonização, a democratização e a discussão de problemas sócio-económicos.

Foi também frisado que, após a campanha de esclarecimento e politização, o M.F.A. continuará, depois das eleições, a apoiar as populações rurais nas soluções dos seus problemas, inclusive a mente no arranjo de caminhos e estradas.

A hipótese de agrupar ou associar alguns órgãos de informação regional, também foi um dos problemas abordados, para melhor facilidade de actuação.

No final do encontro, foi anunciada a instituição no Regimento de Infantaria 4, de um gabinete de relações públicas, com o objectivo de fornecer aos jornais as informações que se julguem necessárias ao desempenho da sua missão e em especial à colaboração mais activa na Campanha de Dinamização Cultural, que lhes é pedida. Foi sugerido que os representantes dos jornais algarvios acompanhem, na medida das possibilidades, as brigadas da Campanha nas suas visitas às povoações, para melhor poderem fazer «cobertura» noticiosa desses acontecimentos.

Apesar de sujeita às limitações que condicionam a Imprensa regional, «A Voz de Loulé» apoia incondicionalmente o M.F.A. nos seus ideais de construir um novo Portugal, onde a liberdade de cada um seja respeitada por todos em igualdade e mútua compreensão.

## DESPORTOS



### Atletismo

Com bastante êxito, realizou-se no passado dia 9, na Av. José da Costa Mealha, o «I Grande Prémio do Carnaval de Loulé», prova pedestre para atletas de todos os escalões etários, que teve a participação de quase uma centena de concorrentes.

As classificações foram as seguintes:

INFANTIS (850 metros)

1.º Helder Guerreiro-Louletano, 2.º Domingos Martins-Louletano e 3.º José Franco-Escola Prep. Silves.

INICIADOS/JUVENIS (2500 met)

1.º João Campos-Liceu de Faro, 2.º Luís Horta-Liceu de Faro e 3.º Meira Pinto-Liceu de Faro (B).

Por equipas — 1.ª Liceu de Faro (A) 8 pontos, 2.ª Liceu de Faro (B) 22 pont. e 3.ª Louletano, 29 pontos.

JUNIORES/SENIORES (5000 metr.) 1.º Leonardo Caetano-Louletano, 2.º Francisco Espiridão, Faro e Benfica, 3.º Dinis Constantino-Faro e Benfica e 4.º Adelino Campina do Louletano.

Por equipas — 1.ª Faro e Benfica 13 pontos, 2.ª Louletano 20 pontos e 3.ª Liceu de Faro, 25 pontos.



### Futebol

Resultados dos jogos efectuados pelas equipas do Louletano e Quarteirense, no dia 9 e 16 de Fevereiro, a contar para o Torneio Distrital de Juvenis:

Quarteirense, 2 — S. Luís, 0 Moncarapachense, 3 — Louletano, 0 Olhanense, 2 — Quarteirense, 1 O Louletano, folgou nesta jornada.

Iniciou-se no passado domingo, 16 de Fevereiro, a disputa da 1.ª mão, da «II Taca de Honra», da Associação de Futebol de Faro.

Nos jogos efectuados em Tavira e Loulé, respectivamente, verificaram-se os seguintes resultados:

Tavirense, 2 — Louletano, 0 Quarteirense, 4 — Moncarapach, 0

### «Rugby»

Por iniciativa de um grupo de entusiastas e antigos praticantes da modalidade, constituiu-se em Loulé, um núcleo que engloba já elevado número de praticantes.

Os atletas realizam os seus treinos num dos relvados da Vilamoura, que foi cedido para o efeito.

No próximo fim de semana, realiza-se em Coimbra, o «Encontro Nacional de Rugby», promovido pelo ENDO.

Em representação do Algarve estarão presentes 4 equipas, 2 de Loulé e igual número de Lagos.

LÉLIO AMADO

## Poupança de Energia

Por portaria publicada no «Diário do Governo» e de acordo com a resolução do Conselho de Ministros sobre poupança de energia, a iluminação de montras, fachadas e anúncios deverá terminar às 21 horas de cada dia.

A poupança de energia deve ser, efectivamente, no momento actual, uma das muitas preocupações dos portugueses. A favor dos gastos supérfluos de todos os tipos de energia, se têm sacrificado avultadas somas de divisas nacionais que melhor aplicação teriam, por certo, no combate às necessidades mais prementes da população.

No entanto, excepções há que, a não serem consideradas, irão criar gravíssimos problemas futuros, já que a sua resolução depende, grandemente, do consumo de energia. Estamos-nos a lembrar de certos locais de iluminação reduzida, os quais poderão, a coberto da Lei, transformar-se em zonas perigosas e atentatórias ao conceito de Liberdade que a todos pertence, por obrigação, saber definir.

## Senhora viúva

Deseja senhora de meia idade para companhia e trabalhos domésticos.

Ordenado 2.200\$00. Tratar pelo telefone 65457

QUARTEIRA

MENTE SÁ NUM CORPO SÃO.

PRATIQUE

DESSPORTOS.

«A Voz de Loulé» N.º 556 19-2-1975

## TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

### Anúncio

2.ª Publicação

Correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Inácia Francisca Guerreiro de Oliveira, casada, proprietária, residente em Corte Preta, Santa Luzia, Ourique, para, no prazo de 10 dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença pendente na 2.ª secção deste Tribunal, movida pelo Banco Pinto & Sotto Mayor, bens que são os imóveis seguintes: rústico, sito junto do cemitério, inscrito na matriz sob o art.º 66; misto, desanexado da herdade da Corte Branca, inscrito na matriz sob os art.ºs rústico 272 e urbanos 205, 206 e 207; e 1/9 do urbano sito em Corte Preta, inscrito na matriz sob parte do art.º 205; todos sitos em Santa Luzia, Ourique.

Loulé, 17 de Janeiro de 1975

O escrivão de direito,

a) João Maria Martins da Silva Verifiquei.

O Juiz de Direito,

a) Francisco António das Neves e Silva Pereira

## FAISCA - Montador Electricista

FORÇA MOTRIZ e ILUMINAÇÃO

Ramais e Baixadas

Serviços Oficiais

Rua Eng. Duarte Pacheco (junto ao arco da Matriz) LOULÉ

## APARTAMENTOS

de 4 assoalhadas

VENDEM-SE

Nesta redacção se informa.



# SAGOL

- Materiais de Construção de Santos & Gonçalves, L.<sup>da</sup>

## Secretaria Notarial de Loulé

### 1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO  
NUNO ANTÓNIO DA ROSA  
PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 13 do mês corrente, lavrada de fls. 130, v. a 132, do livro n.º B-81, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Leal dos Santos e Maria dos Anjos Viegas Gonçalves, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — 1. A sociedade adopta a denominação de «Sagol - Materiais de Construção de Santos & Gonçalves, Limitada», tem a sua sede na Avenida José da Costa Mealha, número quatrocentos e dezanove, desta vila e freguesia de São Clemente, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

2. Por deliberação da Assembleia Geral poderão ser criadas sucursais, agências ou qualquer outra forma de representação social, onde for julgado conveniente.

Segundo — O seu objecto consiste no exercício do comércio de materiais de cons-

trução, drogas, ferragens e madeiras, na produção e comercialização de brita e na prestação de serviços com maquinaria pesada, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — 1. O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social é de um milhão de escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

uma de seiscentos mil escudos, pertencente ao sócio José Leal dos Santos; e outra de quatrocentos mil escudos, da sócia Maria dos Anjos Viegas Gonçalves.

2. Os sócios obrigam-se a entrar com prestações suplementares ao capital se o desenvolvimento dos negócios sociais assim o exigir e podem fazer suprimentos à Caixa, nas condições acordadas em Assembleia Geral.

Quarto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Para obrigar validamente a sociedade bastará a assinatura do sócio gerente José Leal dos Santos.

3. No impedimento deste, a sociedade obriga-se com a assinatura do outro sócio ge-

rente Maria dos Anjos Viegas Gonçalves, a qual poderá assinar sempre os actos de mero expediente.

4. Fica expressamente proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — Para a prossecução do seu objecto social, pode a sociedade adquirir viaturas ligeiras, pesadas ou mistas, bem como toda a maquinaria julgada necessária.

Sexto — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, pertencendo ao sócio não cedente o direito de preferência.

Sétimo — É permitido a qualquer dos sócios explorar em nome individual o mesmo ramo de negócio que a sociedade se propõe exercer.

Oitavo — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme ao original

Secretaria Notarial de Loulé, 15 de Fevereiro de 1975.

O 2.º Ajudante

(Fernanda Fontes Santana)

## Façamos um País novo Forças Armadas e Povo

● Continuação da 1.ª pág.

nário de uns quantos, contra a vontade da maioria esmagadora dos cidadãos (que somos nós todos, do Minho ao Algarve).

A «Revolução da Esperança» fez com que se aguardasse «com justificada expectativa, as acções urgentes e necessárias» (ver «A Voz de Loulé» de 1/5/74) à consolidação dum regime inteiramente identificado com o povo português e com as classes mais desfavorecidas desse povo, em ordem ao prosseguimento de um processo que então se iniciava e que era preciso que continuasse sem tibiézas nem passos atrás.

Pese embora algumas contradições e certos momentos de crise (o fracasso do 1.º Governo Provisório, a arremetida reaccionária de 28 de Setembro), a verdade é que o processo revolucionário iniciado em 25 de Abril continuou progredindo, sempre com o apoio intransigente das massas populares e das organizações políticas verdadeiramente democráticas, demonstrando assim que a aliança Povo-MFA não era um slogan vago, mas sim uma força concreta que não podia ser ignorada em qualquer momento e em face de qualquer acção a realizar.

Vamos a caminho dos 10 meses de Revolução, e essa aliança Povo-MFA mantém-se. E embora as classes mais desfavorecidas ainda vivam de muitas esperanças (os que trabalham sabem que nada se constrói com «varinhas mágicas»), ainda suportam a carestia da vida, a quase nula assistência médica, o deficiente apoio na velhice, etc — ninguém de boa fé poderá negar que o povo português confia inteiramente nos homens que em 25 de Abril entenderam que era altura de Portugal deixar de ser o País mais atrasado da Europa.

E neste contexto — e quando se aproxima o dia 12 de Abril, data das eleições — que algumas vozes derrotistas (que, evidentemente, não pertencem às classes trabalhadoras) procuram fazer crer àqueles que não estão ainda suficientemente politizados que Portugal está à beira da guerra civil, que vamos ficar sob nova ditadura, etc, etc., tudo orquestrado de modo a lançar a confu-

são entre as pessoas que ainda se interrogam sobre o caminho que mais convém ao nosso País.

E não são apenas os «Velhos do Restelo» que nos cafés, nas barbearias, nas esquinas, segredam as maiores enormidades acerca de «divisões» no seio das Forças Armadas, mais isto é mais aquilo; também algumas organizações políticas, ditas «populares» e «democráticas», rigorosamente ao centro, não marxistas, etc, se arreganham todas por causa do que dizem ser uma «ameaça à democracia», no caso de, futuramente, o Movimento das Forças Armadas procurar intervir, decididamente, na construção de um País que não mais seja um centro de exploração para as classes trabalhadoras portuguesas. No fundo, os que apregoam todos esses «perigos» são os mesmos que até 25 de Abril não levantaram um dedo contra a ditadura salazar-marcelista — somente vestiram um fato novo e mudaram estrategicamente, de emblema. Mas o povo português vai aprendendo (devagar, é certo) a distinguir entre aqueles que lutaram (e até deram a vida) e estão interessados em construir um Portugal melhor e aqueles que apenas desejam empatar, até que chegue o momento propício a devorarem os restos que ficaram de 48 anos de miséria e opressão.

Daí que a aliança POVO-MFA seja, agora e no futuro o mais forte garante da construção de um País livre, democrático e progressivo, onde os frutos do trabalho sirvam a quem trabalha (e não aos parasitas que vivem do esforço dos trabalhadores), onde enfim possamos alcançar uma verdadeira dignidade humana.

Há que confiar nos homens do MFA. Há que desmascarar os demagogos e os que apenas desejam enganar o povo. E há que fazer, em 12 de Abril, do direito de voto uma arma eficaz, escolhendo as organizações políticas que realmente demonstrem estar ao lado da maioria, isto é, que sejam capazes de — com as Forças Armadas — erguer Portugal do derradeiro lugar, da Europa onde o prostaram os reaccionários que por aí abundam e ainda querem ter voz activa se não bastasse já a longa exploração a que submetem o bom povo deste País (que, felizmente, não está mais disposto a deixar-se enganar).

«A Voz de Loulé» N.º 556 19-2-1975

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### Anúncio

2.ª Publicação

No dia 27 de Fevereiro, às 10 horas, neste Tribunal e nos autos de execução por custas e pedido que o Ministério Público, na 2.ª secção, move contra José Antunes Pinhão, casado, construtor civil, residente na Travessa S. Gonçalo de Lagos, Quarteira, serão postas em praça, para serem arrematadas ao maior lance oferecido acima dos valores constantes dos autos, uma betoneira e uma máquina universal, das quais é depositário o executado.

Loulé, 17 de Janeiro de 1975

O Escrivão de Direito,

a) João Maria Martins da Silva

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

a) Francisco António das Neves e Silva Pereira

## Empregada Doméstica

De meia idade, precisa casal para todo o serviço. Paga-se bem.

Nesta redacção se informa.

Se tem problemas relacionados com

## Artes Gráficas

Consulte-nos.

Podemos ajudá-lo.

Contacte com

## Gráfica Louletana

Telef. 62536

LOULÉ

## «A Voz de Loulé»

VENDE-SE Na CASA ALEIXO

# MÓVEIS PINTO

PARA CONFORTO DO SEU LAR

Apresenta o maior sortido em mobiliário de estilo antigo e moderno

Novos modelos

em

Estofos e  
Candeeiros

NOVIDADES

em



Alcatifas  
(Cuf-Texteis)

Papéis de parede

Representante dos: Móveis Sousa Baga «Foc» e «Interforma»

SALÕES DE EXPOSIÇÕES E VENDA:

LOULÉ: R. Dr. Frutuoso da Silva, 70 e Av. J. Costa Mealha, 23

PORTIMÃO: Rua França Borges, 1-C



EURODOMUS - Soc. Comercial Distribuição, S.A.R.L.



# Em QUARTEIRA

A Praia do futuro num Portugal renovado e democrático

**Não tem casa à beira mar?**

**Quer concretizar o grande sonho da sua vida?**

Aproveite a excepcional oportunidade de possuir uma casa na Praia!!

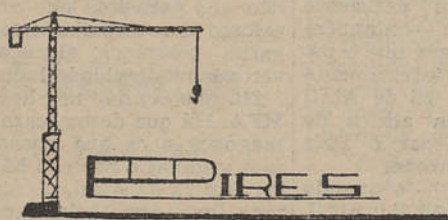


No bloco residencial «Golf Mar» estão à sua espera apartamentos modernos e funcionais

- Com excelente vista para o mar
- Com 4 amplas e airoas assoalhadas
- Com bons acabamentos e materiais da melhor qualidade
- Com isenção de sisa até 31 de Março

**AGORA apenas 550 contos**

Uma visita poderá ser o princípio duma realidade!



Contacte hoje com a

**Agência PIRES**

Rua da Carreira 118 - 120  
Telefone 62816

**LOULÉ**

## SIGA

Sociedade Internacional do Golfe Amador, SARL

Sede: VILAMOURA

Capital: Esc. 35.000.000\$00

É convocada a assembleia geral ordinária desta Sociedade para reunir no dia 20 de Março de 1975, pelas 18 h., na Avenida de Biarritz, 12-1.º-Esq. — Estoril, com a seguinte ordem do dia:

- Discutir e votar o relatório e contas do Conselho de Administração relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1974, bem como o respectivo parecer do Conselho Fiscal.
- Discutir e votar sobre qualquer assunto de interesse para a sociedade designadamente sobre o prosseguimento da sua existência jurídica.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1975.

O Secretário da Mesa da Assembleia Geral

Luís Miguel do Rego da Câmara Vieira Magalhães e Vasconcelos

«A Voz de Loulé» N.º 556 19-2-1975

Tribunal Judicial  
da Comarca de Loulé

### Anuncio

Nos autos de petição para convocação da assembleia de credores do falido CUSTÓDIO CABRITA, casado, comerciante, residente no sítio de Alfentes, freguesia de Boliquireme, concelho de Loulé e actualmente emigrado em 341 Moneil Place, Mineola, New York, Estados Unidos da América, foi designado o dia 30 do próximo mês de Abril, pelas 14,30 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, para realização da referida assembleia de credores comuns, para assistirem à qual, são por este meio os mesmos credores convocados.

Loulé, 21 Fevereiro de 1975

O Juiz de Direito,

a) Francisco António das Neves e Silva Pereira

O Escrivão de Direito,

a) João do Carmo Semedo



**José Guerreiro  
Neto & F.º Lda.**

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA...

- IMPERMEABILIZAÇÕES:  
COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, ETC.
- PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUARIOS
- ISOLAMENTOS TÉRMICOS:  
CAMARAS FRIGORIFICAS, COBERTURAS, ETC.

...UMA EQUIPA DE PESSOAL ESPECIALIZADO ENCONTRAR-SE-Á AO SEU DISPOR

ESCRITORIO: R. PADRE ANTONIO VIEIRA — LOULÉ  
TELEF. 6 22 83

«Não vejamos fantasmas nos arautos da liberdade, mas não aceitemos a ilusão dos fogos fátuos, belos mas estéreis, de utopias totalitárias. Sobretudo rejeitemos partidos ou doutrinas que ofereçam para já a violência e o ódio em troca de um suposto paraíso futuro a que tal caminho jamais conduziria».

(do último discurso do GENERAL COSTA GOMES)



## No Plano de Actividade para 1975

## A Câmara de Portimão dá prioridade à Habitação Social

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Portimão enviou-nos o seu Plano de Actividade para 1975 — «O primeiro elaborado sob um regime livre e democrático», segundo expressão usada no preâmbulo do aludido Plano.

A Comissão acima citada denuncia as «características de fachada» dos Planos anteriores, os quais apresentavam «orçamentos vultuosos» para a realização de obras «que nunca chegavam a ser sequer iniciadas».

Seguidamente refere a C. A. do Município portimonense «a posição económica-financeira que o País herdou do anterior regime» como razão fundamental para prosseguir uma política de «austeridade nos gastos não reprodutivos», cumprindo-se assim a doutrina expressa, em Outubro, pelo Governo Provisório.

Entre as principais actividades a desenvolver — e muitas são, na verdade —, o Município de Portimão indica como prioritária a que se refere ao «problema da habitação social, cumulativamente com o saneamento do conceito» — isto é: «construção de casas de habitação para as classes trabalhadoras e construção e ampliação de redes de saneamento,

não esquecendo as dos aglomerados de mais reduzidas dimensões».

Cita-se também como actividades a desenvolver durante o corrente ano: a construção de escolas e de vias municipais de acesso a zonas rurais; arranjo de ruas na cidade e povoações; colaboração eficiente às Juntas de Freguesia; concessão de subsídios a associação ou colectividade desportivas, culturais de beneficência e humanitárias, etc.

Nas bases da elaboração para o Orçamento Ordinário (1975) «calcula-se a despesa ordinária a efectuar, excluindo consignação, em 20 milhões de escudos e a extraordinária em igual quantia».

Esclarece ainda o Plano a que nos vimos referindo: «evitar-se-á a criação de novos lugares, salvo os absolutamente indispensáveis, procurando-se obter o melhor rendimento possível».

E a terminar: «De acordo com as directrizes do Governo, serão realizadas todas as economias possíveis, sem prejuízo porém do cumprimento dos primordiais objectivos de interesse público a cargo do município; não se prevê a criação de novos impostos, nem a necessidade de contrair novos empréstimos».

## A morte espreita na estrada

Cerca das 18 horas do passado dia 12 da ponte da Ribeira de Boliqueime. Quarteira, e quando circulava no sentido Lagos-Faro a viatura de matrícula ON.59.23 conduzida pelo sr. Francisco José Viegas Prado, conhecido proprietário da Pensão «Flor da Praça», desta Vila, despistouse e saiu fora da faixa de rodagem.

Depois de ter embatido e destrocado algumas caixas com lanternas que aguardavam carregamento fora da estrada, galgou um monte de pedras, indo embater com violência, após 20 metros de desordenada corrida, na viatura BA.25.25 propriedade do sr. José Correia Leal Júnior, residente e natural de Loulé, que se encontrava estacionada fora do asfalto da via.

Do embate, resultou a morte do condutor e ferimentos nos restantes ocupantes da viatura, srs. António Viegas Corneta, caiador, Florêncio de Jesus Calço, trabalhador e Romão J. Martins, empregado de mesa, todos residentes em Loulé.

Transportados ao Hospital desta Vila apenas ficou internado o primeiro dos ocupantes. O infeliz Francisco Prado foi transportado para o Hospital de Faro, onde viria a falecer.

Tomou conta da ocorrência a G.N.R. de Loulé.

## O INCRÍVEL ACONTECEU

## Automobilista louletano atropelou 22 pessoas!

O louletano sr. Joaquim Manuel de Sousa Coelho, de 25 anos, profissional de seguros, residente nesta Vila, cometeu uma «proeza» nada agradável: atropelou com o seu automóvel, e numa vez só, 22 pessoas. O acidente verificou-se no lugar de Quartim, próximo de Olhão, no dia 3 do corrente.

Os sinistrados encontravam-se na estrada, aproveitando uma pausa da orquestra que acompanhava um baile em que participavam, quando o automobilista louletano, provavelmente por dificuldades de visão, os foi violentamente atropelar.

Todos os 22 feridos foram transportados ao Hospital de Faro, ficaram internados, tendo dois sido transferidos de ambulância para Lisboa.

Este atropelamento (que mereceu 1.ª página do Diário de Lisboa, devido ao número de pessoas feridas) culminou com a destruição do carro pela multidão enfurecida que, se não fora a intervenção da autoridade, teria maltratado seriamente aquele automobilista louletano.

## GOLFE

### «Open» do Algarve em Abril

Sob o alto patrocínio da Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo e da Comissão Regional de Turismo, vai disputar-se, de 9 a 12 de Abril, próximo, o «OPEN» DO ALGARVE, competição de carácter internacional que terá a presença de algumas centenas de golfistas, entre os quais figurarão conhecidos nomes de praticantes desta modalidade desportiva, à categoria mundial.

O grande campeonato decorrerá nos relvados da Penina, sendo muito provável a sua extensão a outros campos de golfe do Algarve.

## NÃO FUME!

O tabaco é o grande inimigo do homem.

## NOVOS RESTAURANTES

### «DELFIN SNACK-BAR»

Abriu ao público no passado dia 5, em Loulé, o «Delfim Snack Bar» que, tal como já se esperava atraiu à Avenida 25 de Abril, elevado número de «mirões» e amigos ávidos, por certo, de encontrar finalmente na nossa ter-

ra, um Snack Bar com um mínimo de condições satisfatórias.

Eilo! Isento de luxo faustoso das grandes mansões, o «Delfim Snack Bar» assenta no equilíbrio do conforto e do moderno, impondo-se pelo teor prático e funcional de que se revestem as suas instalações.

Situado numa zona das mais modernas da vila, tem vindo a seleccionar, naturalmente, em todas as camadas sociais da população, uma numerosa clientela que lhe atribui vincada preferência.

Ao seu proprietário, antigo ciclista do Louletano Desportos Clube e durante vários anos ausente na Venezuela, deseja «A Voz de Loulé» uma gerência fértil de sucesso e amizades e apresenta os seus parabéns pelo melhoramento com que distinguiu a nossa vila.

## O delito de opinião

• Continuação da 1.ª pág.

mento das forças morais, para a paz e amizade cívica entre os portugueses, com respeito, evidentemente, pelos legítimos pluralismos ideológicos e partidários».

Sabemos como nos últimos tempos certas emissões da rádio e certos jornais têm prosseguido as suas campanhas de agressividade contra todos os que pensam dum modo diferente. São ataques descarados contra pessoas e instituições, por vezes injustas e mentirosas; é a encenação de alguns programas da rádio, servindo-se dos efeitos da música e da ironia, para meter a ridículo os acontecimentos que dizem respeito ao adversário; é o baixo nível ético de publicações, apostadas a auferir grandes lucros através da exploração de paixões ignóbeis.

E tudo isto é feito, segundo os próprios autores afirmam, para defesa da democracia, não se dando conta de que tais processos são profundamente antidemocráticos. Como podem ser democráticos processos que não respeitam a dignidade dos outros processos que por vezes envolvem a mentira, a calúnia e o propósito de destruir o próximo?

Há quem se aproveite do belo ideal da verdadeira liberdade e democracia, que justamente empolgou os homens do 25 de Abril, para o transformar em seu proveito, contra tudo e contra todos, na prossecução de seus objectivos políticos e de interesse pessoal. Caem assim numa situação de intolerância o respeito dos outros e de seus ideais, que é uma anti-democracia, uma ditadura de sentimentos e atitudes, perigosíssima para o convívio social.

Na citada homilia, o sr. D. António Ferreira Gomes, alude a esta situação quando diz: «Direito fundamental do homem é, bem o sabemos, o direito de opinião e de expressão do pensamento. Mas se este é um direito fundamental, mais fundamental é o direito de não ser condenado por delito de opinião. Uma condenação desta origem é um atentado contra a consciência colectiva, é uma violação monstruosa da pessoa humana. Ora o que aí vemos e ouvimos, em assembleias de escolas, empresas, grupos informais, etc. não são quase sempre senão denúncias, acusações, condenações por delito de opinião. A verdadeira culpa é que os outros não pensem como nós. Ontem era preciso balar como as ovelhas: hoje é preciso uivar como os lobos».

A paz, o bem-estar de todo o povo, o convívio social sadio e feliz constrói-se com a boa vontade, a tolerância e a compreensão de uns para com os outros. É neste sentido que devemos caminhar e assim construiremos decerto a democracia.

E.

## «O TACHO»

Famosa já pela invulgar diversidade de negócios que nela se enquadram, a Rua da Carreira acaba de ser valorizada com a abertura de mais um restaurante que ficou baptizado de «O Tacho».

É seu proprietário o nosso amigo sr. Norberto Clemente Ribeiro, natural de Vila Real de Santo António, o que certamente influirá no tipo de cozinha que caracteriza aquela região algarvia.

Formulamos votos de prosperidades para o novo estabelecimento.

## «Restaurante Bica Velha»

A firma Marçal & Carapeto, Lda. há pouco constituída entre os srs. Jorge Costa Marçal e Rinaldo Correia Carapeto, abriu junto às Bicas Velhas um restaurante típico, o que muito tem contribuído para tornar mais conhecida aquela característica e velhinha zona da nossa vila. Por este motivo o novo Restaurante foi baptizado de «Bica Velha».

A partir de agora Loulé começa (e já não era sem tempo) a ter restaurantes à altura da sua categoria de Vila progressiva.

Bom negócio e longa vida são os votos de «A Voz de Loulé» para o novo estabelecimento.

## Restaurante «TOCA»

Abriu há dias em Quarteira o Snack-Bar Restaurante «Toca» que é uma filial do Hotel Toca do Coelho e do qual dista apenas cerca de 20 metros.

Instalado no rés-do-chão de um dos blocos residenciais da Avenida, o novo estabelecimento (que terá self-service na cave) dispõe de amplas e modernas instalações com excelente vista para a praia.

Aos seus proprietários endereçamos os nossos parabéns pelo empreendimento e fazemos votos de prosperidades.

Leia e assinie

«A VOZ DE LOULÉ»

LOULÉ



### AGRADECIMENTO

MARIA ALDEGUNDES  
VIEGAS

Sua família, receando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas, de todas as pessoas que de qualquer forma Compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada.

### Falecimento

Com a idade de 93 anos, faleceu no passado dia 23 de Janeiro a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Antónia.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Jacinta Maria, casada com o sr. José Viegas Gomes, e da sr.ª D. Maria Dionísio Correia, casada com o nosso prezado assinante sr. Edmundo das Dores, proprietário do Café Baía desta Vila e avó das sr.ªs D. Olga Correia Gomes e D. Isaulina Correia Gomes dos Santos. A saudosa extinta deixou 5 bisnetos.

## Transcrição

O nosso estimado colega «Voz de Palmela» transcreveu o apontamento breve intitulado «Algarve e Flores», da autoria do nosso colaborador Viriato Tristão, recentemente publicado nas páginas d'«A Voz de Loulé».

Agradecemos a gentileza.



### AGRADECIMENTO

MARIA ANTÓNIA

Sua família, vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam na sua grande dor, e se dignaram acompanhar à última morada a sua saudosa e chorada extinta, não o fazendo pessoalmente como era seu desejo por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.

As cooperativas oferecem ao agricultor a possibilidade de estender o seu campo de acção sem alienar totalmente uma independência que em geral estima.

## Graziela Lopes de Brito

MÉDICA

Especialista de Doenças de Senhoras

Consultas às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs-feiras a partir das 14,30

HOSPITAL DE LOULÉ

Telef. da residência: 6 28 56

## APARTAMENTOS

Vendem-se, apartamentos de 2 e 3 assoalhadas, com bons acabamentos.

Têm antenna TV, telefone de escada, corrente trifásica e estacionamento privativo.

Desde 190 contos.

Tratar no próprio local: Rua Quinta de Betunes (junto ao escritório da Clona) ou telefone 6 24 49 — LOULÉ.



# UM ESCLARECIMENTO E UM APELO

A Direcção da Casa da Primeira Infância julga necessário prestar um esclarecimento acerca do momento difícil que atravessa não só por saber que a sua acção é muitas vezes mal compreendida mas sobretudo para despertar o interesse de todos os louletanos principalmente aqueles que directamente serve.

Com perigo de nos repetirmos, pois isto tem sido dito muitas vezes, convém esclarecer que esta CASA é uma instituição particular fundada vai para 30 anos e que de rendimentos próprios tem apenas a cotização e as mensalidades que as crianças pagam a maioria, porém, paga apenas uma pequena parte dessa mensalidade, outras são recebidas gratuitamente e apenas um pequeno número paga a mensalidade por inteiro. Um acordo de cooperação assinado com o Instituto de Assistência aos Menores permitiu-nos reestruturar o Jardim Infantil e contratar pessoal especializado. Além deste subsídio oficial contamos ainda com o auxílio da Câmara que este ano foi elevado de 36 000\$00 para 50 000\$00. Todas estas verbas, porém são insuficientes para manter o nível de ensino e cuidados que desejamos, não só conservar como elevar. Não nos envergonhamos da qualidade dos serviços que prestamos mas estamos longe de nos darmos por satisfeitos. Desejamos fazer muito mais e melhor sobretudo àquele classe economicamente menos favorecida. Recebemos todas as sugestões que francamente nos queiram fazer e aceitamos com humildade críticas bem intencionadas e construtivas.

Sentimos sempre ao longo de todos estes anos o carinho e a

compreensão de quantos connosco privam mas também conhecemos a indiferença e o desinteresse e por vezes a malandragem de muita gente.

Por tudo isto muito grato nos é dar a conhecer dois aconteci-

• Continua na 2.ª pág.

## LUCIANO DE FREITAS

Depois de impressa a página onde se noticia a oferta ao Museu Etnográfico de Faro dum trabalho do nosso conterrâneo sr. Luciano de Freitas, chegou ao nosso conhecimento a triste informação do falecimento deste conhecido artista.

Figura modestíssima, louletano de pura água, baírrista intrínseco, acérrimo propagandista da sua terra, desenhador nato, artista de mérito, extinguiu-se aos 86 anos de idade.

Muitos dos seus desenhos são dedicados a Loulé, versando temas do seu berço natal, onde quis ser sepultado.

O facto de ser descendente de uma família apaixonada pela Música Velha e por ela nutrido grande admiração e simpatia, justificou que no seu funeral se incorporasse aquela banda, executando marchas fúnebres, tradição que há longos anos se perdura na nossa terra.

A família enlutada e em especial ao irmão do saudoso extinto, o nosso velho amigo e indefectível louletano sr. Pedro de Freitas apresentamos sentidos pesames.

## FALANDO DE ANASTÁCIO DOURADO

— Por PEDRO DE FREITAS

Num primeiro andar de um prédio de aspecto antigo, sito Rua Eng.º Duarte Pacheco — antiga Rua da Corredoura — existiu, em tempos idos, uma pequena tipografia. Modesta, todo o seu apetrechamento era ao nível do seu labor: tipo cansado, pequena máquina de impressão, o suficiente, apenas, para desenvolver o trabalho na fabricação de cartões, programas, manifestos, recibos, facturas e outras pequenas coisinhas afectas à vida comercial da terra.

O proprietário e mais uns dois rapazes perfaziam o seu quadro operário. Diariamente os caixotins, o tipo e «tudo quantis», andavam na roda viva à falta dos melhores meios de trabalho.

Alguns rapazes ali fizeram o seu curso de tipógrafo. Com as luzes recebidas um ou outro viu abrir-se-lhe o profissionalismo.

O seu proprietário, Anastácio Guerreiro Dourado, antigo soldado que pelas Áfricas viajara e donde colheu ensinamentos sociais que muito influíram na sua vida, de tendência liberal e republicano democrata, sente que a sua terra — Loulé — carecia da luz do espírito, um indispensável jornal.

Tempos idos já Loulé tivera os seus jornais. O primeiro, com o

## Trespasa-se LAVANDARIA

De limpeza a seco. Situada no concelho de Loulé, servindo a melhor área do Algarve.

Pessoal técnico e clientela assegurada.

Resposta a este jornal ao n.º 57.

nome de «Algarvio», saiu a 31 de Março de 1889 sob a direcção do dr. Ataíde de Oliveira. Depois: «Folha do Sul»; «Notícias de Loulé» — do padre Basílio, «Povo Algarvio» — de Paula Madeira, «Folha de Loulé» — de José Elias de Sousa, e o «1.º de Maio» — de Anastácio Guerreiro Dourado. O «Progresso» — de Leal da Silva, «O Louletano» (que se seguiu ao «1.º de Maio» e sob a mesma direcção), «Alma Algar-

• Continua na 2.ª pág.

Conserva a jovialidade do seu rosto

Visite o Centro de Beleza e Cabeleireira

PARADIS

Av. José da C. Mealha, 113 LOULÉ



JUNTE SELOS

TROQUE

POR BRINDES

## ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE GOLFE DE PORTUGAL

Muito pouco se tem falado em GOLFE e quando se faz todos têm medo de o fazer — dizem ser desporto de abastardos ou fascistas, desporto para velhos, e por certo, pois a palavra DESPORTO pertence às multidões que vem como espectáculo ou que o praticam — GOLFE esse foragido porque não o querem ou talvez não queiram a palavra da razão; sem esse chamado GOLFE o Algarve pouco existia; deslocando-se ao nosso País, principalmente ao Algarve, centenas de jogadores da modalidade.

A Associação foi formada há pouco tempo mas no entanto está empenhada em divulgar a modalidade aos trabalhadores portugueses, mas não o pode deixar de o divulgar, que grande multidão de este auguros vêm ao nosso Portugal para praticarem o GOLFE.

Em VILAMOURA deslocaram-se de diversas partes do mundo para disputarem o chamado (PRO-AM) Amadores e Profissionais, cerca de 200 pessoas outras tantas estavam presentes em VALE DO LOBO, no mês de Fevereiro.

Esta Associação levará a termos nos dias 20, 21, 22 e 23 de Fevereiro o seu primeiro Campeonato, jogado em VILAMOURA, VALE DO LOBO e QUINTA DO LAGO, onde estão presentes a grande maioria dos portugueses.

## VILA SENHORA DA ROCHA: UM PROJECTO NO ALGARVE

Um novo empreendimento turístico está a ser levado a cabo, no Algarve, a dois quilómetros de Armação de Pera pela Comben Homes Group, uma empresa britânica que decidiu agora canalizar investimentos para Portugal.

Trata-se de um complexo turístico que irá, com certeza, tirar partido da sua situação geográfica junto às falésias da Praia Grande da Senhora da Rocha, numa zona cujas condições climáticas se torna escusado salientar.

Os trabalhos tiveram início em Agosto de 1974 e compreendem, numa primeira fase três blocos de apartamentos com um total de 66 unidades de tipos diferentes: estúdios com um e dois quartos num piso e duplex. Numa segunda fase, está prevista a construção de 160 vivendas com duas e quatro assoalhadas, dispostas em volta de recintos verdes ligados à rede interna viária por pequenos caminhos para peões, pois os automóveis ficarão estacionados em parques próprios, fora do ambiente calmo que circundará as habitações.

Em todas as construções respeitar-se-á o estilo arquitectónico algarvio, ficando assim rejeitada a hipótese dos tradicionais blocos maciços de apartamentos que são vulgares nos locais de férias da

## A VERDADEIRA VIDA

A vida melhor compreendida não é aquela na qual o homem encontra mais prazer, dinheiro, poder, honras ou reputação; mas aquela na qual o homem se torna mais homem e executa maior soma de trabalhos úteis e humanitários.

SAMUEL SMILES

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

Dos três problemas principais que temos de enfrentar no momento presente, o que está na ordem do dia é, certamente, o da unidade. Toda a democracia pluralista reúne, pela sua própria natureza, forças opostas que se batem pela defesa dos seus interesses dentro da estrutura democrática. Essa luta integra-se no viver democrático, faz parte dele e, quando levada a cabo de acordo com as regras definidas não põe as estruturas democráticas em perigo nem perturba a vida a ponto de se tornar prejudicial à economia da colectividade. Compete aos partidos representantes dessas forças disciplinar a sua actividade de forma a que os seus processos de luta não ponham em perigo as estruturas democráticas de que todos dependem nem provoquem crises que afectem a própria existência da democracia. Isto é facilitado aos partidos pela existência de um conjunto de regras a que todos obedecem e pela definição mais ou menos rígida do campo em que se podem travar as batalhas partidárias.

Entre nós, a democracia, além

de recente e de não estruturada numa habitação nacional, permanece no domínio das intenções na medida em que os partidos existem mas não têm campo de batalha definido, tal como se não sabe que sectores populacionais é que representam nem estão vinculados a regras de procedimento. Existem, mas sem regime legal, sem estatuto que os integre no viver de todo o País e não apenas dos seus adeptos e, sobretudo, sem que ninguém saiba rigorosamente qual seja a sua força real.

Existem, mas sem que a sua acção esteja subordinada a um conjunto de regras que defina o seu campo de acção, que lhes permita fazer isto e aquilo mas não aquilo e isto.

Vivemos, assim, numa democracia pluralista e que faltam as estruturas fundamentais que permitam a sobrevivência das democracias pluralistas. Somos — passe a comparação — jogadores empenhados num jogo em que há árbitros e juizes de linha mas cujas regras desconhecemos. O

• Continua na 6.ª pág.

## ESPECTACULAR ASSALTO

## CERCA DE MIL CONTOS EM OURO FORAM ROUBADOS EM QUARTEIRA

Os ladrões continuam a fazer das suas em várias localidades

do Algarve, prosseguindo uma nefasta actividade que as autoridades policiais não conseguem neutralizar.

Desta feita, os vigaristas actuaram de novo em Quarteira, onde há dias tinham assaltado uma tabacaria (conforme notícia no nosso último número). A vítima da acção dos larápios foi o proprietário da «Ourivesaria Dinis», que, desesperado, na manhã do dia 12 do corrente, ao reentrar no estabelecimento, viu que lhe haviam furtado, durante a noite, quase todo o recheio em ouro que possuía e cujo valor foi depois calculado entre oitocentos a mil contos.

Os assaltantes penetraram no estabelecimento depois de terem arrombado a porta (método que tentaram pôr em prática na ourivesaria «Loissas», também em Quarteira, no que foram impedidos pelo latir dum cão que o dono, providente, deixou dentro do estabelecimento).

Um carro branco, de marca não identificada, fora visto em movimentos suspeitos nas ruas de Quarteira, transportando 3 indivíduos, provavelmente os mesmos que, aproveitando a calada da noite, aumentaram o rol imenso de roubos que se vêm registando no Algarve.

A G.N.R. de Loulé tomou conta da ocorrência (e a propósito, cabe perguntar uma vez mais: para quando um posto da G.N.R. ou da P.S.P. em Quarteira? Quantos roubos será ainda necessário haver?).

Leia e assinie

«A VOZ DE LOULÉ»



COMPRA, VENDE, ALUGA E TRESPASSA

PROPRIEDADES, PRÉDIOS, QUINTAS, APARTAMENTOS, COMÉRCIO, INDÚSTRIA, ETC.

RUA DA CARREIRA, 118 e 120

LOULÉ



# O carnaval de Loulé/75 não deixou saudades

● Continuação da 1.ª pág.

à morte lenta dos festejos carnavalescos nesta terra, e que não se tem vislumbrado, na verdade, quaisquer progressos desportivos do Louletano nem qualquer melhoria dos «nossos» serviços hospitalares (se alguém tiver opinião contrária, que o diga abertamente).

Depois deste breve intróito, quase perdemos a vontade de escrever mais uma palavra acerca do Carnaval de Loulé deste ano.

## QUANDO FALTA O «ESPIRITO CIENTIFICO»

Os três dias de Carnaval (9, 10, 11) foram entrecortados de chuva e Sol. Por sorte, as tardes ainda permitiram que alguns milhares de foliões (pouco mais de 40 mil, nos três dias, segundo nossa estimativa) se divertissem na medida do possível. As oportunidades não abundavam: os carros «alegóricos» eram só 13, e apenas 2 ou 3 se salvaram; e as raparigas (única motivação da ida de muita gente para dentro do recinto) já não colaboram passivamente nessas autênticas agressões físicas a que chamam «esfregas» (de notar que alguns grupinhos de jovens, perfeitamente identificados, continuam a «libertar-se» dos seus complexos sexuais durante estas horas de Carnaval, chegando ao ponto de, por exemplo, impedirem alguns caboverdianos de também «esfregarem» as meninas brancas... ou não fosse esta nação, até há pouco, multirracial e pluricontinental!)

Do carro «Tasca do Colono» (povoado por alguns conhecidos compinchas que lá vão ainda arranjando alguma boa disposição, que é coisa rara neste tempo) chegávamos esta manhã, que felizmente vai ficando desactualizada:

«Sou colono, sou colono,  
Dono de toda a exploração colo-  
nial  
Sou o dono do preto... etc e tal...»

De realçar ainda o esforço do locutor de serviço para manter a ordem no recinto. Dizia ele: «Saber brincar ao carnaval é uma ciência; tenha o seu espírito científico, ao menos uma vez por

## «A Voz de Loulé»

Várias manifestações de amizade recebemos aquando da passagem do 22.º aniversário d'«A Voz de Loulé».

A todos os amigos que se nos dirigiram, desejando prosperidade ao nosso jornal, apresentamos os nossos agradecimentos.

Uma palavra especial para aqueles nossos colegas da Imprensa regional que não deixaram de assinalar os 22 anos d'«A Voz de Loulé». Aos que dão vida a esses jornais (directores, redactores e colaboradores) testemunhamos a nossa sincera gratidão.

As cooperativas oferecem ao agricultor a possibilidade de entender o seu campo de acção sem alienar totalmente uma independência que, em geral, estima.

ano». Mais uma voz que clamava no deserto, é claro...

## E FALTA TAMBÉM A ORQUESTRA...

Tinha sido anunciada a presença no «Palácio do Trigo» de duas orquestras espanholas («de-facto» que foi recebido do antigo regime...). Todavia, só uma se fez ouvir (diz-se que desafinadamente). A outra terá tido um acidente... Não faz mal — foram menos essas divisas que saíram do País, que tão necessitado está delas. Os que estiverem presentes no Palácio é que não gostaram da gracinha (já tinham pago o bilhete).

## MAS DESCOBRIU-SE UM PINTOR!

O antigo palhaço que obstruía, nos anos anteriores, a entrada principal do recinto, terá sido «saneado». E foi substituído por um painel com um pôr-do-sol algarvio (chaminé, flor de amendoira, o azul ferido de verme-lho...) que, segundo nos disse, ram é da autoria do prof. Loureiro. É claro que o «natural do Algarve» estava deslocado — aquilo não era Carnaval, quanto mais do Algarve! No entanto, temos a certeza que quem fez aquele painel, se trabalhar mais com os pinceis e deixar voar a imaginação, até pode vir a dar-nos um bom pintor — o que justificava, em grande, mais esta «derrota carnavalesca»...

Será que só lá para o próximo Natal se falará do Carnaval de Loulé/76? E depois lá virá a falta de tempo... Enfim, sugiro que «A Voz de Loulé», uns meses antes, comece uma campanha (só mais uma) no sentido de uma vez para sempre se começar a encarar os festejos carnavalescos como deve ser: com cabeça, tronco e membros. Haverá alguém em Loulé que seja capaz de não temer a «anatomia» das próximas Batalhas de Flores? Aguardemos até ver, porque o Carnaval/75 não deixou nenhuma saudade!

V. T.

## Como corrigir as deformações dos pés

A evolução da técnica ortopédica e os seus métodos mais modernos, permitem confeccionar próteses cada vez mais perfeitas que tornam possível resolver os casos de deformações dos pés, cuja forma mais frequente é o pé chato e que, sobretudo nas crianças, tem consequências particularmente graves, que urge evitar.

Um Especialista observa-o e presta-lhe todos os esclarecimentos.

Faça a sua marcação de consulta em LOULÉ, na Farmácia PINTO, para o dia 26 de Fevereiro de manhã.

## Valiosa oferta ao Museu Etnográfico de Faro

O nosso estimado conterrâneo, sr. Luciano de Freitas, desenhador aposentado dos Caminhos de Ferro, há sessenta e nove anos (1906) e quando tinha dezoito de idade, executou um trabalho artístico, pleno de Fé religiosa que, através do tempo decorrido, tem sido a admiração das pessoas que têm visto tão primorosa e delicada obra.

Trata-se de uma bem delineada imagem de Nossa Senhora da Piedade, cujo material de construção é o barro, o cartão, a lata, as colunas artisticamente torneadas pelo grande artista «José de Faro», as flores, os dourados, e tudo quanto foi necessário a tão solene feito.

Seria destinado ao Museu da nossa terra. E é pena que tal não tivesse sido. Mas é que apesar de há cerca de quarenta anos se falar no Museu Louletano, ele ainda não se efectivou. Deste modo, apesar de muitos pretendentes (família e outros) desejarem adquirir tão simbólica relíquia de Fé religiosa, o sr. Luciano de Freitas, aos 86 anos de idade e muito combalido de saúde, resolveu oferecer o seu valioso trabalho ao Museu Etnográfico de Faro, onde já se encontra ao lado de outras obras oriundas de Loulé.

O trabalho em referência teve caloroso acolhimento por parte do Presidente da Junta Distrital.

R.



## MISSA DO 4.º ANIVERSÁRIO



FRANCISCA DIAS FORMOSINHO

Sua família participa a todas as pessoas amigas e de suas relações que no próximo dia 5 de Março, pelas 10,30 será rezada missa na Basilica da Estrela, em Lisboa, por alma da saudosa extinta, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Amemos a Verdade e fa-  
remos a Paz: uma Paz diná-  
mica e construtiva, pela Re-  
conciliação entre os portu-  
gueses. Fomentar ódios e  
rancores, impôr aos adversá-  
rios a humilhação e a injusti-  
ça é destruir o futuro de Por-  
tugal, com o próprio futuro da Revolução.

Que entre todos os portu-  
gueses nasça essa grande Es-  
perança, que é o Amor e Fu-  
turo absoluto (qualquer que  
seja o nome que lhe cha-  
mem), a Esperança de que,  
reconquistados os direitos  
humanos para todos e cada  
um, brilhe sobre o nosso fu-  
turo colectivo o sol luminoso  
da Paz: Paz em Portugal pe-  
la Reconciliação entre os  
Portugueses!

D. António, Bispo do Porto

## COSTA GOMES apelou aos portugueses

● Continuação da 1.ª pág.

ano da Revolução que eclodiu em 25 de Abril.

Desse balanço respigamos:

### APRENDIZAGEM

«Estamos a aprender esforçadamente a viver em liberdade. Decretos não bastam.

A vivência em sociedade livre terá de impregnar os sentimentos, as atitudes e os comportamentos de todos nós; teremos de a conquistar, integrá-la na nossa personalidade colectiva num processo não isento de vários sobressaltos.

Evitaremos as ditaduras que marginam a rota revolucionária que prosseguimos.

Aos homens sem fé, aos fracacos de vontade e de espírito, aos que desertam na caminhada, batidos pelas dificuldades da Revolução, aos feridos nos privilégios aos impacientes, aos injustamente traumatizados, a todos recomendaria a leitura da história de tantas revoluções libertadoras».

### MAIS E MELHOR

É reconfortante quanto se fez em menos de um ano de Revolução.

Milhões de almas, povos irmãos, foram colocados no caminho descolonizante, génese de novas pátrias de expressão lusiada.

O Povo Português, intoxicado de decénios de propaganda da extrema-direita, dispõe agora de uma informação pública com órgãos livres, onde já se procura criar o justo equilíbrio no pluralismo de opiniões.

Os responsáveis pela Economia e Finanças criaram uma estrutura orgânica mais adequada, uma distribuição mais justa da carga fiscal e a economia privada e prepararam-se para actuar na conjuntura com base no novo Plano Económico já aprovado.

Iniciaram-se as intervenções do Estado nas empresas privadas e na implantação da reforma agrária.

Os sectores eléctricos, petrolíferos, siderúrgico, comércio internacional, distribuição cooperativa dos bens de consumo, construção de navios de pesca, e outros sectores começam já a sentir a nova orientação do Estado para os desviar de interesses capitalistas exclusivos e os colocar ao serviço do Povo.

No plano de Administração Interna, tentam-se soluções de descentralização e descentralização administrativa e mantêm-se firme o rumo pré-eleitoral cheio de dificuldades.

Tudo o que re refere a transportes internos, marítimos e aéreos está em plena reconversão bem como o problema habitacional, a utilização da energia, as obras públicas e a defesa do ambiente.

Nunca se trabalhou tão intensamente nos problemas de segurança social dos trabalhadores, onde se estão a criar ou melhorar esquemas de protecção contra a doença, o acidente, o desemprego e a velhice.

No campo da educação nacional tudo o que foi feito, incluindo a democratização da gestão dos estabelecimentos de ensino, a revisão dos programas primários, preparatórios de ensino, a revisão dos programas primários, preparatórios e secundários, os acordos culturais, o trabalho de planeamento e preparação, parece não impressionar.

Pensemos ainda no que se realizou ou preparou no campo da saúde, em medicina preventiva, em democratização do sistema hospitalar, em regularização das carreiras profissionais.

Gostariamos de ter realizado mais e melhor, mas façamos justiça aos actuais responsáveis do poder, trabalhadores infatigáveis que merecem alta cotação no mundo do trabalho honesto com que teremos de fundar um País

democrático, autenticamente livre e justo».

### PORTUGAL NOVO

«No Portugal novo irão caber todos os homens justos, trabalhadores de recta intenção.

Cabe agora, que vamos realçar as primeiras eleições, chamar a atenção aos que, em palavras e escritos, se dirigem aos responsáveis do Poder exigindo medidas autocráticas para grandes e pequenos males que detectam ou julgam vislumbrar.

Estamos num Portugal novo; o poder autocrático e individual não voltará. O Poder é e será exercido por órgãos colectivos emergentes de um sistema de forças democráticas. Haveremos de aceitar pequenos inconvenientes nas grandes vantagens da democracia pluralista em construção».

## Votar é um dever

● Continuação da 1.ª pág.

mento, dirá, em voz alta, o nome do eleitor — a quem entregará um boletim de voto;

— Dirigir-se a uma câmara de voto, situada próximo da mesa, na qual, sozinho e sem que ninguém possa ver (o voto é secreto), assinalar com uma cruz o Partido Político que o eleitor escolheu;

— Dobrar o boletim de voto em quatro, para que ninguém possa ver qual o Partido assinado, e entregar esse boletim ao presidente da mesa que, sem o desdobrar, o introduzirá na urna (enquanto os escrutinadores descarregam o nome do eleitor no caderno de recenseamento)...

São gestos importantes que, no dia das eleições, abrirão caminho a mais uma das formas (a não menos significativa) de participação que, neste tempo de recenseamento nacional, é proporcionada a todos os portugueses, que não se querem alhear dos destinos da Pátria.

Votar, é pois — repete-se, — um dever e um direito. Sejamos, então, cidadãos conscientes de um País que se quer civilizado e, enfim, igual aos maiores. Poderemos, depois, afirmar que o País que tivermos será o País que desejamos que seja — livre, democrático e progressivo. Como não poderá deixar de ser.

## QUER SER CORRESPONDENTE DA «VOZ DE LOULÉ»?

O nosso jornal está vivamente interessado em dar realce ao que se passa no Concelho de Loulé, no seu todo. Assim, julgamos necessário obter, pelo menos nas sedes de Freguesia, a adesão de algumas pessoas que desejam fazer ouvir a voz das suas terras.

Há pessoas capazes de serem correspondentes da «Voz de Loulé» mas, dizem, que «não têm vagar nem jeito para escrever». Quanto ao vagar, sempre se arranja desde que se queira, e não será também por falta de uma vírgula que deixaremos de colaborar.

Mais vezes gostaríamos de falar de Alte, Tôr, Almansil, Amelxial, Salir, Quarteira, Querença, Boliqueime, Parragil, Benafim, etc., mas se mais não o fazemos é porque nos faltam as notícias locais sobre o que nessas localidades se passa, quais os anseios das suas gentes, quais os seus problemas e sonhos. Perguntamos, pois: Quer ser correspondente d'«A Voz de Loulé»? Ficamos aguardando a sua resposta.

Leia e assine

«A VOZ DE LOULÉ»



**Armelm Contreiras**

STAND DE AUTOMÓVEIS

Compra, Vende e Troca Automóveis novos e usados

Nova Urbanização Sul — Cadoiço

Telef. 6 20 56

LOULÉ



# JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

## SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

### 1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA.

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º 81, de fls. 115, a 119, v., se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 7 do mês corrente, na qual intervieram como justificados Manuel Silvério Castro Martins, e mulher, Graziela Fáisca Angelino, residentes nesta vila, casados segundo o regime da comunidade de adquiridos, e declararam:

1. Que pertence à justificante mulher, Graziela Fáisca Angelino, como bem próprio e com exclusão de outrem, a seguinte:

Casa com um só compartimento, situada na Rua Ataíde de Oliveira, desta vila de Loulé e freguesia de São Clemente, que confronta do nascente e sul com ela justificante mulher, do norte com o prédio pertencente a ambos eles justificantes e outros e do poente com a dita Rua Ataíde de Oliveira, inscrita na respectiva matriz predial sob parte do artigo número três mil setecentos e cinquenta e sete;

2. Que faz parte dos bens comuns do seu casal, pertencendo-lhes também, com exclusão de outrem, uma quarta parte indivisa de: — uma casa com um único compartimento, sita na Rua Ataíde de Oliveira, que confina do Norte e nascente com ambos, do sul com a justificante mulher, e do poente com Rua Dr. Ataíde de Oliveira, inscrita na respectiva matriz predial sob o artigo número três mil quinhentos e vinte e sete;

Que ambas estas casas fazem parte do prédio descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o número vinte e um mil novecentos e quarenta e sete, a folhas cinquenta e três, do livro B — cinquenta e seis.

Que o mesmo prédio descrito na dita Conservatória sob o citado número vinte e um mil novecentos e quarenta e sete, pertenceu a Manuel Alexandre Baptista, também conhecido só por Manuel Alexandre, ou Manuel Baptista, e mulher, Maria da Piedade, que residiram nesta vila de Loulé e encontrava-se então inscrito na matriz predial urbana da freguesia de São Clemente, sob o artigo número setecentos e quarenta e oito.

Que por óbito da dita Maria da Piedade, procedeu-se a inventário obrigatório que foi instaurado e correu seus termos no Tribunal Judicial da comarca de Loulé, tendo sido adjudicado nessas partilhas metade do referido prédio ao viúvo, Manuel Alexandre Baptista, e a cada um dos quatro herdeiros da inventariada: — Maria do Carmo, casada com Joaquim Dias, Eugénia da Conceição, casada com João

Domingos ou João Domingues, Romão José da Silva, casado com Maria da Conceição Ramos Silva, e Maria da Piedade, neta da inventariada; todos residentes em Loulé, um oitavo do mesmo prédio; — tendo as partilhas deste inventário sido julgadas por sentença de catorze de Janeiro de mil novecentos e quinze, que transitou em julgado;

Que em dois de Agosto de mil novecentos e vinte e três por escritura lavrada a folhas sessenta e cinco, do livro de notas número noventa e nove, do falecido notário que foi desta comarca, Bacharel João Augusto de Melo e Sabo, cujo arquivo transitou para a antiga secção desta Secretaria, actual Primeiro Cartório, o viúvo, Manuel Alexandre Baptista vendeu a metade daquele prédio, que lhe havia sido adjudicada no dito inventário, a Manuel Martins da Cruz, na altura viúvo, morador em Loulé; — encontrando-se esta transmissão devidamente registada na Conservatória do Registo Predial deste concelho, pela inscrição número onze mil novecentos e três, a folhas dezanove, do livro F-treze;

Que em data imprecisa mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e vinte e nove, os herdeiros aludidos, Romão José da Silva e mulher, Maria da Conceição Ramos Silva, e Maria da Piedade ou Maria Elisa Pereira e marido, José Marcelino, procederam com os demais comproprietários, Manuel Martins da Cruz, viúvo, Maria do Carmo e marido, Joaquim Dias, e Eugénia da Conceição e marido, João Domingos, a uma divisão meramente verbal e nunca reduzida a escritura pública, tendo sido atribuído aos referidos Romão José da Silva e mulher, e a Maria da Piedade e marido, em comum e em partes iguais, em pagamento das suas quotas no prédio de origem, a casa identificada sob o número um e que hoje pertence a ela justificante mulher, ficando os restantes comproprietários com a parte restante do mesmo prédio, em comum e na proporção das suas quotas.

Que no mesmo ano de mil novecentos e vinte e nove e por instrumento público de quinze de Junho, outorgado perante o ajudante do notário desta comarca, Dr. João Augusto de Melo e Sabo, os referidos Romão José da Silva e mulher, e Maria da Piedade ou Maria Elisa Pereira e marido, venderam a casa que lhes havia sido adjudicada, na divisão meramente verbal a David Martins Angelino, casado com Maria Gertrudes Fáisca ou Maria Gertrudes Fáisca Angelino, que foi residente nesta vila, pais dela justificante mulher — sua única e universal herdeira, conforme se infere das escrituras de habilitação notarial, lavradas em vinte e cinco de Fevereiro de mil novecentos e cinquenta, a folhas

dez, verso, do livro número cento e cinquenta e três, de notas para escrituras de valor indeterminado ou superior a mil escudos, excepto partilhas, da antiga secção desta Secretaria, actual Segundo Cartório, e em quatro de Novembro de mil novecentos e sessenta e cinco, a folhas vinte e três, do livro número vinte e três-B, deste Cartório — tendo o referido David Martins Angelino posteriormente anexado esta casa ao seu prédio urbano descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o número seis mil oitocentos e trinta e um, a folhas quarenta e quatro, do livro B-dezoito, e actualmente inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número três mil setecentos e cinquenta e sete, por altura das avaliações gerais do concelho de Loulé, a que se procedeu de mil novecentos e trinta e cinco.

Que no ano de mil novecentos e quarenta e três, conforme consta da escritura de justificação notarial lavrada em catorze de Agosto do ano findo, a folhas cento e seis, do livro número A-setenta e sete, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, os então comproprietários da parte restante do prédio de origem — eles justificantes Manuel Silvério Castro Martins e mulher, por haverem comprado a parte que o aludido Manuel Martins da Cruz possuía no prédio anterior, correspondente a metade do primitivo artigo número setecentos e quarenta e oito e a dois terços do artigo trezentos e cinquenta e um — Maria do Carmo e marido, Joaquim Dias e Eugénia da Conceição e marido, João Domingos, procederam a uma divisão e demarcação, meramente verbal e nunca reduzida a escritura pública daquela parte restante, tendo sido atribuído a eles justificantes Manuel Silvério Castro Martins e mulher, um prédio que posteriormente de molir am dando origem ao actual artigo urbano número três mil quinhentos e vinte e seis e aos outros comproprietários, em comum e em partes iguais, a totalidade da casa já identificada nesta escritura em segundo lugar, e inscrita na respectiva matriz sob o artigo número três mil quinhentos e vinte e sete.

Que por escritura de dezasete de Agosto de mil novecentos e cinquenta e três, lavrada a folhas oito, verso, do livro número oitenta-A, de notas para escrituras de valor não superior a mil escudos, excepto partilhas, da antiga secção desta Secretaria, actual Primeiro Cartório, o dito João Domingos, então viúvo da referida Eugénia da Conceição, vendeu a ele justificante Manuel Silvério Castro Martins uma quarta parte indivisa desta casa supra descrita sob o número dois, inscrita na respectiva matriz sob o artigo número três mil

quinhentos e vinte e sete; ou seja toda a parte que lhe havia sido adjudicada e ficado a pertencer na partilha efectuada por óbito de sua referida mulher, Eugénia da Conceição, em data imprecisa mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e seis, por contrato meramente verbal, nunca reduzido a escritura pública, tendo sido a restante quarta parte indivisa adjudicada aos filhos de ambos, herdeiros da referida Eugénia da Conceição, cujos nomes ignora.

Que ela justificante mulher é titular da inscrição matricial número três mil setecentos e cinquenta e sete, e que ele justificante marido o é da quarta parte indivisa do artigo número três mil quinhentos e vinte e sete, incorrectamente inscrito no citado artigo.

Que a casa descrita em primeiro lugar e que faz parte do citado artigo número três mil setecentos e cinquenta e sete atribuem o valor de vinte mil escudos, e à fracção indivisa da descrito em segundo lugar, o valor de dois mil escudos.

Consigna-se por último que a divergência de fracções existente entre os documentos relacionados com os prédios objecto desta escritura é puramente aparente porquanto, umas vezes se referem a artigos da matriz, anteriores a mil novecentos e trinta e quatro, já eliminados, outros a artigos posteriores, também já eliminados, sendo a proporção estabelecida com referência, ora a uns, ora a outros.

Que por falta dos competentes títulos das divisões e partilha, efectuadas em mil novecentos e vinte e nove, em mil novecentos e quarenta e três (objecto de anterior justificação) e em mil novecentos e quarenta e seis, não têm eles justificantes possibilidade de comprovar a aquisição dos prédios supra descritos, na totalidade e em parte, inteiramente pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme  
Secretaria Notarial de Loulé, 10 de Fevereiro de 1975.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

**Preparadora de Laboratório de Análises Clínicas**

Senhora diplomada com o curso de Preparadora de Laboratório da Escola Técnica dos Serviços de Saúde e Assistência de Angola, c/ 2 anos de prática, deseja colocação.

Informa o Telef. 6 25 42 — LOULÉ.

DE PROVAS DE CIVISMO...

— Não suje as ruas.  
— É mais fácil não sujar do que limpar.

## Nota de apresentação

● Continuação da 4.ª pág.

carácter democrático do nosso viver assenta, assim, exclusivamente num equilíbrio precário inteiramente dependente do nosso bom senso.

Se formos sensatos, se tivermos o mínimo de bom senso exigível a pessoas nas nossas circunstâncias, se compreendermos a natureza e a razão de ser da nossa democracia, esta perdurará e transformar-se-á numa democracia estruturada garantida por um regime jurídico eficiente.

Cada vez, porém, que pomos a carroça à frente dos bois, que tentamos fazer o que só é possível fazer-se numa democracia já estruturada, pomos em risco não apenas o que já temos mas, também, o que desejamos vir a ter.

Não chegou, ainda, o momento das provas de força e de grandeza entre os partidos. Essa prova faz-se através das urnas e não dos gritos, das manifestações e dos insultos. Os gritos, as manifestações e os insultos nada conseguem senão alarmar inutilmente um País que não está habituado ao processo democrático, mas que já está preocupado com o custo da vida, com as restrições ao consumo de energia, com o aumento da criminalidade e com a gritaria constante que perturba o ritmo da produção num momento em que produzir devia ser a principal preocupação de todos.

De há uns tempos para cá, já se não ouvem apelos à unidade e, no entanto, essa unidade nunca foi mais necessária. De há uns tempos para cá, parecemos andar todos empenhados em sublinhar as nossas diferenças, quando ainda não passou o momento de chamarmos a atenção do País para o que temos de comum. De há um tempo para cá, parece que andamos todos empenhados em revelar a nossa falta de senso comum quando esse esforço é desnecessário porque ela é evidente e não carece de ser demonstrada — o que necessita urgentemente de ser demonstrado é que entendamos a delicadeza do momento e temos o bom senso necessário para conservarmos o terreno já conquistado a fim de conseguirmos uma prancha de que possamos saltar para o futuro.

Mais do que nunca, precisamos de unidade neste momento em que o País, farto de verboreias pirotécnicas começa a olhar objectivamente para a realidade e recomeça a fazer contas. Dividir o País é, neste momento, trair a democracia que podemos vir a construir.

Mais do que de tudo o resto, precisamos neste momento de bom senso — daquele bom senso comedido que leva o pescador a saber quando é que deve ir para o mar e quando é que deve ficar em terra e que leva o camponês a olhar para o céu e a recolher o gado.

Do «Diário de Lisboa», de 25.1.75



## Propriedade

Vende-se, a 1 K. da Vila. Junto da estrada municipal. Nesta redacção se informa.

**O SEU SANGUE  
PODE SER  
AINDA MAIS ÚTIL**

Se, para além de manter a sua saúde, puder salvar a vida de outros.



A propósito de:

## «Portugal não é independente»

● Continuação da 1.ª pág.

der responder devidamente ao colaborador que V. Ex.ª acolheu nas páginas de «A Voz de Loulé». Isto é: quero vir a conhecer o Senhor Norberto da Silva apenas no tribunal e nunca apresentado por V. Ex.ª Senhor Director.

b) Insere V. Ex.ª na última página do jornal um pensamento de Napoleão nestes termos: «em todas as revoltas populares há sempre duas espécies de homens: aqueles que as promovem e aqueles que as aproveitam».

Já é demasiado tarde para dizer a Napoleão que V. Ex.ª Senhor Director se está a aproveitar dele para encher um espaço branco do vosso jornal, mas é a hora exacta de lhe dizer, a si, que V. Ex.ª ao acolher Norberto da Silva está a promover uma revolta que não é popular... isto é: aproveita-se!

Carlos Albino

**Nota da Redacção** — Esta carta foi-nos entregue pessoalmente por Carlos Albino, que se manifestou extremamente chocado por o jornal da sua terra ter dado acolhimento a um artigo discorde das ideias que expôs no «Jornal do Algarve» acerca da nossa provincia.

Aceitamos que Norberto Silva tivesse sido demasiado duro para com o nosso amigo e conterrâneo Carlos Albino, mas não aceitamos que «O Algarve esteja sob dominação estrangeira» e só por isso acedemos a dar publicidade ao artigo em referencia. Entendemos que aquela afirmação é gratuita, é pura demagogia e pode contribuir para fazer afogentar os estrangeiros que aqui vivem ou desejem vir cá passear. Afogentá-los é contribuir para arruinar a economia do Algarve e essa pode ser mais uma das muitas manobras que os fascistas estão fazendo para tentar arruinar a economia do país.

Solidários com Carlos Albino na defesa intransigente dos superiores interesses do Algarve deixamos publicar o artigo em referencia para alertar a nosso conterrâneo de que os seus ideais revolucionários podem servir inoportunamente os interesses da reacção e é exactamente isso que nós ambos e todos os algarvios não nos podemos dar ao luxo de permitir.

Temos, por exemplo, o flagrante exemplo de alguns partidos cujas ideias revolucionárias são de tal ordem que servem descaradamente, a reacção.

A ditadura do fascismo provou ao longo de 48 anos que não serviu os interesses superiores do povo português e agora é urgente que tudo façamos para construir um novo Portugal — sem ditaduras.

Numa atitude de meter medo às pessoas, Carlos Albino prefere o tribunal em vez de esclarecer os algarvios onde está esse Algarve «sob dominação estrangeira». Ter, inconscientemente, uma atitude fascista de maneira nenhuma quer dizer que um indivíduo seja fascista. O que não podemos consentir é que se tomem atitudes que sirvam aqueles que estão trabalhando para preverter os nobres ideais dos homens que fizeram o 25 de Abril. E de entre eles temos a impressão que o único algarvio é Carlos Albino, o homem que, na noite de 24 de Abril, lançou no Rádio Clube Português, a «senha» do movimento de libertação. Quem poderá contestar o seu espírito revolucionário?

Carlos Albino é, portanto, um homem que tem lutado pela libertação do povo português, pela liberdade de expressão, pela liberdade de imprensa e que tem posto ao serviço da sua provincia

os dons da sua privilegiada inteligência. Agora, porém, acontece esta coisa paradoxal: há um indivíduo que discorda das suas ideias porque, segundo pensa, prejudicam os interesses do Algarve e logo, Carlos Albino ameaça levá-lo a Tribunal. Será que a liberdade de imprensa só é boa se nos convém?

Estão em causa interesses da nossa provincia e por isso Carlos Albino poderia perfeitamente servir-se da sua perspicaz inteligência e da sua lúcida memória para nos fornecer elementos estatísticos e dados válidos em que se baseou para poder confirmar o que escreveu no «Jornal do Algarve». É assim que nós entendemos que deve agir um autêntico e democrático jornalista. Aliás a própria Lei de Imprensa concede a qualquer cidadão o direito de resposta.

Demos pessoalmente esta sugestão mas foi recusada porque Carlos Albino «tem mais que fazer».

Dada a extraordinária facilidade com que o nosso conterrâneo escreve, fruto de uma longa apaixonante e dinâmica experiencia jornalística, queremos parecer que irá perder muito mais tempo nos tribunais...

E evidente que, sendo um opositor revolucionário, Carlos Albino não pode ser, simultaneamente, um fascista. No entanto, aceitamos que se tenha excedido no seu entusiasmo por uma causa, até porque: «Errare humano est».

Fazemos ponto de honra em defender, intransigentemente, os interesses da nossa terra e por isso até gostaríamos que Carlos Albino desmascarasse alguma coisa do muito que sabe acerca das negociações dos corruptos da banca portuguesa — ou de qualquer outra actividade, pois não acreditamos que Carlos Albino faça acusações sem fundamento.

Como algarvios que nos orgulhamos de ser, sentimos o direito de defender os interesses da nossa provincia e por isso demos acolhimento à colaboração de Norberto da Silva, mas concordamos inteiramente com Carlos Albino de que seria necessário ser-se paranoico para apelar de fascista um lúcido participante do movimento revolucionário do 25 de Abril. Isso não lembraria ao diabo!

Quanto ao pensamento de Napoleão, preferimos que cada leitor faça os comentários que entender.

Para terminar diremos que a nosso velha amizade para com Carlos Albino dispensava, perfeitamente, a descabida e pouco democrática expressão de «V. Ex.ª Senhor Director» (com quasi todas as letras e em maiúsculas), mas preferimos não bulir na redacção de Carlos Albino.

## Universidade do Algarve em Silves?

● Continuação da 1.ª pág.

grande sonho do bom povo de Silves.

A localização geográfica que a Racional considerou como factor essencial para a instalação da Universidade é quanto a nós, uma das grandes desvantagens a pesar na concretização da ideia.

A distância média em relação à posição geográfica de Faro, por exemplo elevar-se-ia de tal forma que os estudantes do extremo Sotavento, ficariam impossibilitados de estar presentes no anfiteatro de aulas, por falta de tempo para deslocar-se.

A descentralização do ensino seja a Universidade em Silves, Montenegro, Estoi ou Coiro do Burra é um facto consumado desde que as Faculdades venham parar ao Algarve.

A não «contaminação» turística a que se refere o grupo de sócios da Racional Clube não é exclusiva apenas à bela cidade de Silves. Esse factor essencial, é comum a uma extensa zona do Algarve onde, em condições muito mais

● Continuação da 1.ª pág.

luta popular no nosso distrito e que terá logo o ponto de largada para novas lutas, para novas conquistas populares.

O Movimento Democrático Português, o partido da mais funda e extensa movimentação popular e das amplas liberdades democráticas, está atento aos grandes problemas do povo algarvio, permanentemente interpreta e sente os seus anseios, luta pela sua união, consolida a sua organização colectiva e propõe as acções directas destinadas ao exercício do poder popular e à criação de um Estado profundamente democrático.

A realização do Plenário do Algarve do M.D.P./C.D.E. foi um acto de exercício do poder do povo e de fortalecimento orgânico do nosso partido.

O Movimento Democrático Português vai concorrer às eleições para a Assembleia Constituinte. Partido que nasceu nas batalhas da liberdade do povo português e que vive da luta pela construção de um Estado amplamente popular entende que as próximas eleições são um momento de alto significado político na vida dos portugueses; são o exercício de um direito de cidadania conquistado pelo povo, são um veículo de consciencialização cívica e um elemento de organização e mobilização de massas.

O M.D.P./C.D.E., liberto de todo o compromisso e só vinculado aos interesses mais profundos do povo português na luta pela sua libertação integral, desenvolveu e continua a desenvolver, com a mais viva energia, as acções destinadas a expurgar da vida nacional, todas as sequelas do poder fascista.

A sua histórica determinação em defesa das liberdades populares e do seu empenhamento profundo contra os inimigos reais do povo português, sempre guiaram as hossas lutas contra todas as formas fascistas do poder. Contra o poder político não popular; contra o poder económico monopolista e explorador.

Esta é a sua vocação. Este o seu combate.

Apesar de tudo — do nosso empenho e das tarefas de outras forças políticas progressivas — o poder fascista actua ainda em pontos de decisão da vida política e incide violentamente na vida económica do país.

Por isso, o Movimento Democrático Português continua a empenhar todos os esforços, no sentido de se completar o saneamento em todos os sectores e lugares da administração e em todas as instâncias do poder político, e de ser liquidado, definitivamente, o poder monopolista explorador.

O M.D.P./C.D.E. entende que estas conquistas serão a plataforma imediatamente necessária para o equilíbrio mínimo da so-

cidade portuguesa, no gozo das liberdades políticas já alcançadas.

Enquanto grande parte do povo português continuar a ser conduzido pelos guiões do fascismo e a classe trabalhadora e a classe média estiverem amarradas à exploração e ao lucro dos monopólios, não existem condições de perfeita igualdade, no exercício dos direitos políticos conquistados pela revolução.

O Movimento Democrático Português, continuará a lutar pela conquista dessa igualdade, reclama todas as medidas urgentes de combate ao poder fascista e, na proximidade das eleições para a Assembleia Constituinte, sublinha os riscos de grande parte do povo português estar ainda condicionada na sua liberdade de decisão.

O poder nunca se institucionaliza num órgão verdadeiramente do povo se, no acto de instituição, parte do poder pertencer ainda aos inimigos do povo.

Todas as razões, a final, apontam para considerar as próximas eleições como um marco que vai definir uma nova fase da luta do povo português pela sua completa libertação.

O Movimento Democrático Português, que propõe o Estado amplamente democrático, organizado pelo povo liberto, não aceita, por isso, que as eleições para a Assembleia Constituinte, sejam tomadas, na vida política portuguesa, como o acto que encerra a luta revolucionária do povo português.

Reconhecendo, nas próximas eleições, o seu significado como exercício de liberdades políticas e como elemento de fecunda movimentação popular organizada, o M.D.P./C.D.E. entende, por outro lado, que a liquidação dos restos do poder fascista e do poder monopolista explorador, a libertação do povo português e a independência do país, só poderão conquistar-se se as amplas camadas populares continuarem a revolução para além das próprias eleições.

Por isso, o Movimento Democrático Português congratula-se pela prova de consciência política e organização popular que ofereceram, neste Plenário, os militantes do nosso partido.

E apela para o reforço do sentido de luta e de união do povo do Algarve, no caminho da conquista das grandes liberdades populares e da construção do Estado amplamente democrático.

Lutemos por um Estado amplamente democrático!

Viva o Povo do Algarve!  
Viva o Movimento Democrático Português!

7 de Fevereiro de 1975.

Plenário em Loulé

## Técnico de Contas

10 anos de inscrição na D. G. C. I., prática de contabilidade e orientação serv. escrit., aceita serviços e estudos, part-time ou até full-time.

Resposta a este Jornal, ao n.º 55.

## UTILITÁRIA

Vende-se uma furgoneta utilitária «Opel Cadete», em bom estado. Tem 56 000 K.

Nesta redacção se informa.

## Carimbos

Faça as suas encomendas na Gráfica Louletana — Tel. 6 25 36.

## Notícias pessoais

FALECIMENTOS

Contando 75 anos de idade, faleceu há dias em Paço d'Arcos, o nosso prezado conterrâneo sr. Cândido de Sousa Ramos Júnior importante comerciante em Vendas Novas, onde há longos anos se estabeleceu. O saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Rosa Martins Seruca Ramos, e era pai da sr.ª D. Maria Antonieta Seruca Ramos da Silva Raimundo e irmão dos nossos prezados assinantes e amigos srs. Dr. Álvaro de Sousa Ramos, médico em Portalegre, eng.º Edemónio Carrilho Ramos, residente em Setúbal, Nuno de Sousa Ramos, comerciante nesta Vila e das sr.ªs D. Edemeia de Sousa Ramos e Lízete Carrilho dos Santos, residente em Loulé.

— No Hospital de S. José em Lisboa, faleceu no passado dia 26 de Janeiro, o nosso conterrâneo sr. Humberto Carapeto Melenas, industrial de carpintaria que contava 58 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Madalena Ramos.

O saudoso extinto era pai das sr.ªs D. Maria Madalena Ramos Melenas Félix Júlio, casada com o sr. Carlos Alberto Félix Júlio, residentes em Loulé e D. Berta Ramos Melenas, casada com o sr. Fernando Claro, residentes em Lisboa e avô da menina Maria de Fátima e do menino Carlos André.

— Em casa de sua residência, no sítio do Vale da Rosa, faleceu no passado dia 29 de Janeiro o sr. António da Encarnação Mendes, mais conhecido por António do Vale, que contava 62 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Guerreiro Apolónia.

O saudoso extinto era pai da sr.ª D. Maria Helena Apolónia Mendes, casada com o sr. Joaquim Pinguinha Segundo, nosso dedicado assinante no sítio da Cruz da Assumada e avô do menino Helder Mendes Pinguinha.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

## JOSÉ V. TEIXEIRA FAISCA

Após doloroso e prolongado sofrimento, faleceu na sua residência em Lisboa, no dia 2 de Fevereiro o nosso prezado amigo e assinante dedicado sr. José Vicente Teixeira Faísca, natural de Salir e que durante largos anos foi funcionário do Tribunal de Loulé.

O saudoso extinto deixou viúva a sr.ª D. Maria Alice Dias Águas de Lima Faísca e era pai da sr.ª D. Maria da Conceição de Lima Faísca Campos Calhau, casada com o sr. Eng. Fernando Humberto Campos Calhau e dos nos. srs. prezados assinantes e amigos srs.: José António de Lima Faísca, casado com a sr.ª D. Maria Joaquina Pinto Alves da Luz de Lima Faísca e Orlando Lima Faísca, casado com a sr.ª D. Ana Maria de Brito Camacho Brando Lima Faísca, e avô dos meninos Fernando José Pedro Miguel; Maria Teresa e José António; Ana Isabel, José Manuel e João Manuel.

De sete irmãos deixa vivos a sr.ª D. Francisca Romana Teixeira Faísca Adantes e o sr. António Teixeira Faísca e era cunhado dos srs. José e Sebastião Dias Águas de Lima.

Após missa de corpo presente na Igreja de S. João de Deus, em Lisboa, o funeral seguiu para jazigo de família, em Albufeira.

O sr. José Teixeira Faísca era muito estimado pelas suas qualidades de carácter e de bondade e, por isso, a sua morte foi muito sentida entre os seus numerosos amigos e familiares.

Os nossos sentidos pesames à família enlutada.

## Explicações

De Francês e Português.  
Para mais informações:  
Avenida José da Costa Meilhão, 3 e 5 — LOULÉ.

## Carrinho de Bebê

Em estado novo.  
Vende-se.  
Nesta redacção se informa.



## Para quando a Cooperativa Agrícola de Loulé?

● Continuação da 1.ª pág.

Na agricultura do concelho de Loulé é fundamental que haja compradores e preços justos para os frutos secos e este ano não há uma coisa nem outra, o que tem trazido alarmados quantos vivem da e para a agricultura.

Acontece agora que a circunstância de a campanha da criação da Cooperativa Agrícola de Loulé ter sido feita através de «A Voz de Loulé» tem trazido a esta redacção numerosos lavradores não só a inscreverem-se como accionistas como desejosos de que a Cooperativa seja uma realidade já muito próxima, pois nela residem, agora, as suas últimas esperanças.

Ao verificarem que baixaram os preços daquilo que vendem e, praticamente sem compradores, os lavradores estão aflitos para fazer face à vertiginosa alta daquilo que precisam comprar.

Portanto, só através duma Cooperativa que tenha o apoio técnico e financeiro do Estado será possível encorajar os lavradores para se lançarem nos caminhos dum melhor aproveitamento das riquezas que a terra possui.

Através da rádio, imprensa, televisão e das centenas de comícios realizados em todo o País, tem sido feita larga divulgação de como o espírito cooperativo pode dar um decisivo impulso no sentido de proporcionar melhores condições de vida para os lavradores.

É, portanto, urgentíssimo que seja criada a Cooperativa Agrícola de Loulé. Nesse sentido temos dado o melhor do nosso modesto esforço e persistente tenacidade, mas as dificuldades têm sido intransponíveis. Por cada barreira transposta surgem sempre novas barreiras e mais dificuldades, pois é sempre preciso esperar por alguma coisa.

Desde o 25 de Abril que se aguarda que os Grémios da Lavoura sejam substituídos pelas Cooperativas e agora aguarda-se a conclusão dos trabalhos da comissão liquidatária, para se saber como poderá arrancar a Cooperativa de Loulé.

Portanto, resta-nos confiar nos bons resultados duma profícua colaboração entre as pessoas que estavam organizando a criação da Cooperativa e os membros da Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura, de cujo trabalho muito poderá lucrar todo o concelho de Loulé.

Para todos os nossos amigos que há tempos se inscreveram na Cooperativa de Loulé pedimos um pouco de paciência para aguardarem um pouco mais e os que agora se inscreveram e que portanto também demonstram ter fé nas Cooperativas, apresentamos os nossos agradecimentos, o

que individualizamos através da publicação dos respectivos nomes:

Manuel Correia Valério, Frei. xco Seco de Baixo.Salir; Eduardo dos Anjos Costa, Loulé; Joaquim de Sousa Laginha, Sítio do Concelho.Loulé; Sebastião Veiga Cebola, Loulé; Sérgio Lino Simão Cavaco, Estação de Loulé; Américo Guerreiro Amado, Loulé; Isidoro Manuel Guerreiro Gomes, Vale Covo.Boliqueime; Pedro Joaquim de Albuquerque, Lisboa; Manuel Cavaco Nogueira, Quintã.Salir; Francisco Costa, Pero de Elvas.Salir; Joaquim de Sousa Rosal, Loulé; Eduardo dos Anjos Costa, Loulé; Joaquim Guerreiro Coxo, Sítio do Concelho.Loulé; David Caetano Laginha, Sítio de Vale de Ungel.Loulé; Firmino de Sousa Nascimento, Farfã.Loulé; Manuel Guerreiro Gomes, Vale de Boa Hora.Loulé; João Narciso, Carrasqueiro; José Rodrigues, Carrasqueiro; Manuel Lopes Cardoso, Cumeada; Alda Marques Guerreiro Gomes, Benfarras.Boliqueime; Manuel Dias da Silva, Arneirinha.Querência; Manuel Pestana Gomes, Torre de Gilvazinho.Loulé; José Baguinho dos Santos, Jogo do Givrazinho.Loulé; Manuel Apolónia Farrajota, Canada de Gilvazinho.Loulé; Valentim Viegas Pereira, Corcitos.Querência; António de Sousa Laginha, Sítio do Concelho.Loulé; Joaquim Inácio Guerreiro, Renda.Loulé; Adelino Gomes Correia, Parreira e Ladeira.Boliqueime; Inácio da Silva Sequeira, Benfarras.Boliqueime; João Neves Dias, Patã.Boliqueime; Manuel Rocha Amaro, Fonte Coberta.Almancil; Manuel Miguel, Poço Novo.Loulé; Anibal Coelho Nascimento, Semino.Quarteira; Francisco Fernandes Aleixo, Fonte Santa.Quarteira; Manuel Correia Cebola, Loulé; José Caetano Gonçalves.Poço da Amoreira.Loulé; António Sousa Entrudo, Loulé; Francisco Guerreiro Matinhos, Sítio do Poço Novo.Loulé; José de Abreu Pinto, Cabeceira de Apra; Gregório Mestre, Corte João Marques (Ameixial); Albino Pires de Sousa, Tôr; António Gonçalves Jerónimo, Poço de Boliqueime; António Correia de Brito da Mana, Loulé; Júlio da Silva, Goldra de Cima; Carlos do Carmo Baleizão, Goldra de Cima e José Guerreiro Coxo, Betunes.

Para mobílias e adornos  
PREFIRA A  
**CASA SIMÃO**  
(A MOBILADORA)  
Telef. 62110 LOULÉ

## Adube as suas terras

«Portugal é o País da zona mediterrânica onde, a produção de cereais, por hectare é, em média, a mais baixa.

É indispensável que tal situação se modifique.

Para isso é necessário utilizar as melhores técnicas nos devidos momentos.

Entre essas técnicas figura a da adubação de cobertura.

A Secretaria de Estado da Agricultura acaba de publicar um folheto a respeito desta operação, que poderá ser pedido nas Estações Agrárias e Brigadas Técnicas das respectivas regiões ou ao Serviço de Informação Agrícola, Avenida António Augusto de Aguiar, N.º 104.7.º, Lisboa.1.

«Entre as várias operações que concorrerão para o aumento de produção dos cereais, por hectare, figura a da adubação de cobertura.

Esta adubação, porém, como aliás todas as outras, deverá ser feita no momento oportuno e nas quantidades necessárias.

Os agricultores poderão pedir nas Estações Agrárias e Brigadas Técnicas das respectivas regiões, um folheto sobre o assunto que acaba de ser editado pela Secretaria de Estado da Agricultura.

O Serviço de Informação Agrícola, Avenida António Augusto de Aguiar, N.º 104.7.º, Lisboa.1 envia-lo-á, também, a quem o solicitar».

## Apartamentos VENDEM-SE

A estreir. Com 4 assoalhadas e direito a garagem.

Isento de cisa até 31-3-75.

Nesta redacção se informa.

## Campanha anti-rábica

Está em curso, e alargar-se-á a toda a vasta área do nosso concelho, a campanha de vacinação anti-rábica, promovida pelos serviços médico-veterinários da Câmara Municipal de Loulé.

Esta campanha teve início no Matadouro de Loulé, no dia 15 de Fevereiro e prolongar-se-á até 13 de Março.

No dia 18 a brigada esteve em Boliqueime e Tinoca e a seguir deslocar-se-á a Salir, dia 20 às 10 horas; a Alte, no dia 23 pelas 9 horas; a Vale d'Eguas, no dia 26 pelas 9 horas; Almancil.Poço, dia 26 às 11 horas, Benafim Grande, dia 27 às 9 horas; Parragil, dia 27 às 11 horas; no Matadouro de Loulé, dia 1 de Março às 9 horas; na Rocha de Momprolé, dia 1 às 11 horas; em Quarteira, dia 4 às 9 horas; Barranco do Velho, dia 6 às 9 horas; Cortelha, dia 6 às 10 horas; Vale da Rosa, dia 6 às 11 horas; Ameixial, dia 6 às 14 horas; no Matadouro de Loulé, dia 8 às 9 horas; no Consequente, dia 8 às 11 horas; Pontão do Vale, dia 11 às 10 horas; Querência, dia 11 às 11 horas; Tôr, dia 11 às 12 horas; Escanchinas, dia 13 às 9 horas; S. João da Venda dia 13 às 11 horas e Esteval, dia 13 às 12 horas.

## ANTÓNIO MARTINS LAGINHA

Com 73 anos de idade e vítima dum brutal acidente com arma de fogo, faleceu no passado dia 8, em Lisboa, para onde fora transportado de urgência, o nosso prezado assinante, conterrâneo e amigo sr. António Martins Laginha, conhecido e antigo comerciante de ourivesaria da nossa praça.

Momentos antes do seu falecimento o inditoso comerciante teria afirmado a um seu familiar que, durante a limpeza duma pistola de defesa pessoal, esta se desfechou, tendo o projectil atingido a zona craniana, junto ao ouvido, facto que a hipótese de suicídio se põe de parte.

O extinto era pai da menina Isabel da Conceição Nascimento Laginha, de 18 anos, estudante em Faro, irmão do nosso estimado amigo sr. Manuel Martins Laginha, socio gerente da firma Laginha & Ramos, Ld.ª desta Vila e das sr.ªs D. Maria das Dores Laginha Duarte e D. Rosa Martins Laginha Duarte, residentes em Loulé.

A família enlutada, apresenta «A Voz de Loulé», as suas mais sinceras condolências.

## DR.ª SOLEDADE PONTES INÊS

Assumiu há dias as funções de Conservadora do Registo Civil e Notária de S. Brás de Alportel a nossa conterrânea e dedicada assinante sr.ª dr.ª D. Soledade Maria Pontes Inês.

A posse foi-lhe conferida pelo Juiz da Comarca de Faro.

A Dr.ª Soledade Inês, há pouco regressada de Moçambique, onde exercia as funções de Chefe da Repartição de Identificação de Lourenço Marques, apresenta-nos cumprimentos de boas vindas, com votos no cabal desempenho das suas funções.

## COSTA GOMES e o povo Algarvio

● Continuação da 1.ª pág.

tinha com o povo algarvio pois sei muito bem que é um povo alegre, muito bem disposto, franco e que ama muito a sua provincia talvez um pouco de mais, mas enfim até fica bem devido ao regionalismo, que é salutar.

(Diário de Lisboa 22.1.75)

## O Partido da Democracia Cristã realizou o seu I Congresso

Com a presença de representantes de órgãos de comunicação nacional e estrangeira, realizou-se há dias na Figueira da Foz o I Congresso do Partido da Democracia Cristã.

Usaram da palavra vários oradores que trataram de problemas da maior acuidade na actual conjuntura política portuguesa, tais como: segurança social, desenvolvimento económico, justiça social, educação, transportes, comunicações, política económica e agrícola.

Apontaram-se como medidas urgentes: integrar os acidentados de trabalho e de todas as doenças profissionais nas estruturas próprias de seguro social e a criação de um serviço de reformas para todos os portugueses.

Ao encerrar o Congresso o major Sanches Osório afirmou:

«As grandes opções que neste momento se colocam perante o Povo Português podem sintetizar-se em várias formas básicas de consideração de direito da propriedade privada e da livre iniciativa. Por nosso lado, em recentes declarações, já afirmámos a posição do PDC, mas acrescentaremos hoje mais alguns pontos relevantes e fundamentais.

Começemos, pois, pelo controvérsio e doentio problema da esquerda.

Consideramos um erro procurar entender a actual situação política portuguesa e as forças políticas nela atuantes, classificando os partidos de «esquerda» ou «direita». Isso é simplificar demasiado, além de induzir em erro o povo, traumatizado por quarenta e oito anos de regime totalitário, esse sim de direita. Os regimes totalitários ditatoriais são sempre de direita, seja qual for a sua filosofia. As forças que se opõem à ditadura foram e sempre serão consideradas de esquerda.

A democracia cristã combate qualquer forma de ditadura. É um partido antitotalitário. Será tão gratuito classificar o PDC como um partido de direita, como gratuito seria considerar o PCP um partido de esquerda. Na realidade, o PCP está muito à direita relativamente a outras for-

ças políticas importantes. A nossa análise não deve colocar-se honestamente deste modo. O importante é tornar conhecidas as propostas que podem resolver os problemas sociais e económicos do nosso País. Remédio eficaz para um país doente. Este é que é o desafio.

Em termos políticos, o que quer dizer em termos práticos e realistas, não há direitos nem es-querdas em Portugal. O que há, sim, são soluções possíveis e soluções impossíveis, oportunas ou inoportunas.

Condenamos a luta de classes como geradora de ódio, mas não nos limitamos à condenação, propomos a dignificação do operário e do camponês. Como? Apontando a condição básica da sua liberdade que é o acesso à liberdade. Esta opção vai mais longe do que a cogestão proposta por partidos ditos progressistas. A cogestão poderá, sem dúvida, dignificar, mas continuará a colonizar a força do trabalho. Através da participação na gestão, a classe dirigente reduz a capacidade reivindicativa do trabalhador que, ficticiamente, passou a ser dirigente! Não se lhe dá nada em troca. Não basta eficácia para proveito de alguns — é preciso eficácia, mas com benefício para todos: operários e camponeses. Este benefício só é possível em copropriedade.

Não é colectivizando as terras que os camponeses ganham mais. Não é cogerindo as terras colectivizadas que os camponeses ganham mais ou vivem melhor. A ilusão contrapomos a realidade da função pessoal e social da propriedade privada. Este objectivo poderá conseguir-se através de cooperativas. Apenas assim os homens portugueses sentirão a solidariedade humana que contrapomos à luta de classes. Nunca é de mais afirmar que o facto de o nosso partido usar na sua sigla a palavra «cristã» não significa que seja um partido confessional ou clerical. A palavra «cristã» quer significar que os objectivos e acção política do PDC se inserem na civilização cristã e humanista da Europa.

## Também sou a favor da unicidade

Procurou o sr. José Acácio, através das colunas de «A VOZ DE LOULÉ» na última edição deste quinzenário, criticar sob a forma duma carregada inocência irónica, as boas intenções da unidade Sindical.

Antes de outras considerações, quero esclarecer o sr. Acácio de que a unicidade tem sido ultrajada através dos meios mais suspeitos e reaccionários. Ultrajada a ponto de em certas reuniões e comícios políticos ter sido afirmado (não sei com que intenções) que unicidade e unidade eram coisas totalmente opostas.

Para um melhor esclarecimento quero evidenciar que o termo unicidade se define por «qualidade do que é único», enquanto que unidade, sem medo de ser repetido pelos melhores dicionários portugueses, se interpreta por «qualidade do que é um».

Assim, sinceramente, eu não vejo (ninguém verá, por certo) diferença sensível entre único e um, pois a afinidade entre estes vocábulos é de tal forma evidente que se confundem.

A unidade ou unicidade tem sido apedrejada ou defendida consoante as intenções das facções políticas intervenientes.

A verdade, porém, é que a unicidade é uma barreira poderosa contra o pluralismo divisor das massas.

É a quem interessa a divisão do Povo?

Apenas aos governos fantoches que compõem pela força do ca-

pitalismo e a este dedicam todo o seu tempo e atenção.

Combate-se a unicidade porque esta forma de coesão popular é uma arma poderosa na mão dos trabalhadores. Tão poderosa que é temida por aqueles cuja conduta está longe da política que melhor serve os interesses das classes mais desfavorecidas.

A quem interessará a fraqueza dos trabalhadores?

Só os governos que lutam pelo bem-estar dos que apenas têm para vender a força do seu trabalho, não temem o potencial dessa força popular, respeitando e defendendo a unicidade contra a campanha demagógica duma burguesia, mascarada.

O próprio M.F.A. respeitou e defendeu a unicidade conferindo-lhe a dignidade e o respeito que a caracterizam.

E Quem dúvida da melhores intenções das Forças Armadas?

Será que o M.F.A. não pretende o melhor possível para o Povo Português?

E, quem duvida da honestidade dos homens que fizeram o 25 de Abril?

Quem põe em dúvida a integridade de todo o seu programa?

A unicidade é, sr. Acácio, em termos populares, uma espécie de insecticida poderoso, contra todo e qualquer parasito que se infiltra no seio de quem trabalha. O resto é propaganda de... «xaxa», daquela que não interessa nem ao bichinho da Seda.

SILVA TEIXEIRA